

Habitar a Casa das Letras

Armando Filipe André Alves

Estágio de Mestrado em Edição de Texto

Março de 2012

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do Professor Doutor, Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

AGRADECIMENTOS

A todos os escritores que me inspiraram a seguir o caminho das letras. A todos os professores que se dedicaram a mim quando me dediquei a eles. Ao Professor Rui Zink, pela sua maneira própria de transmitir ensinamentos. À doutora Marta Ramires pela sua garra e paixão contagiante pela profissão. A todos os colegas e amigos que encontrei na Leya por alegrarem a minha estadia. À minha namorada, Inês Cunha, pelo apoio psicológico e pela força que me dá todos os dias e à sua mãe, Paula Lopes, por me receber como um filho. À minha mãe e às minhas avós pela confiança que depositaram em mim. Ao meu padrasto que sempre acreditou em mim, mais do que eu próprio. Aos meus irmãos que me tornaram responsável apenas por nascerem. Aos meus colegas de casa por incentivarem nas horas de preguiça. Ao meu amigo Ângelo Lobo por me dar um trabalho que me permita pagar as contas enquanto estudo. Ao meu avô que me ensinou a nunca parar de evoluir. E ao meu pai, que sempre se orgulhou de mim.

Muito obrigado a todos, são para mim como chá para um lobo.

"Publicamos para não passar a vida a corrigir rascunhos"

– Jorge Luis Borges

RESUMO

Habitar a Casa das Letras

PALAVRAS-CHAVE: Casa das Letras, Oficina do Livro Leya, Edição, Editor, Revisão, Tradução, *editing, publishing*.

Relatório de estágio curricular na editora Casa das Letras, integrada no grupo Leya, para obtenção do grau de mestre em Edição de Texto, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Este trabalho visa relatar os conhecimentos práticos e teóricos consolidados no breve estágio na Casa das Letras.

Irei focar principalmente a multiplicidade de tarefas de um editor, e da constante descoberta que foi para mim viver no real mundo do livro.

ABSTRACT

Dwelling in Casa das Letras

KEYWORDS: Casa das Letras, Oficina do Livro Leya, Edição, Editor, Revisão, Tradução, *editing, publishing*.

Report of the internship in the Publishing house Casa das Letras for attainment of Master's Degree level in Edição de Texto (text editing and publishing), by Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa.

This report is intended to narrate the theoretical and practical knowledge that has been gained in the brief internship in Casa das Letras.

The main focus of this report will be the multiplicity of tasks of an editor, and the constant discovery that was for me to live on the real world of books.

Índice

1. Contextualização	1
1.1. Grupo Leya	1
1.2. Grupo Oficina do Livro	2
1.3. Casa das Letras	2
1.4. Considerações sobre <i>E-books</i>	3
1.5. Primeiros Passos	4
2. Revisão e acompanhamento de livros	6
2.1. <i>Alice no País das Maravilhas</i>	6
2.2. <i>Na Sombra do Amor</i>	9
2.3. <i>Percy Jackson, A Batalha do Labirinto</i>	12
2.4. Considerações	14
3. <i>O dia Mais Longo</i> , de Cornelius Ryan: uma pesquisa	17
4. Procura de Livros	20
4.1. Procura de Livros no estrangeiro	20
4.2. Leitura de Originais	23
5. Ética Profissional e Ética Pessoal	24
6. A frustração de uma escolha negada	32
6.1. <i>The Edge Chronicles</i>	32
6.2. Sir Terry Pratchett	29
6.3. <i>The Dust of 100 Dogs</i>	30
7. Tradução	31
7.1. Escolher um tradutor	31
7.2. O teste de tradução	33
7.3. Tradução do livro <i>Mudle Earth</i>	34
8. Produção de Originais	36
9. Relações Públicas	38
10. Direitos de autor de uma capa	40
11. Feira de Frankfurt	42
12. Trabalho de escritório	44
13. Conclusão: Editor 24/7	47
Bibliografia	50

Anexos

Anexo I - *Alice no País das Maravilhas*

Anexo II - Revisão do Livro *Percy Jackson, Batalha no Labirinto*

Anexo III - Exemplo do *Software Lince*

Anexo IV - Fotografias do Livro *O dia mais Longo*

Anexo V - Exemplo de *e-mail* de resposta a um pedido de livros

Anexo VI - Troca de *e-mails* sobre os livros de Paul Stewart e Chris Riddell

Anexo VII - *The Dust of 100 Dogs*

Anexo VIII - Teste de tradução corrigido por Cristina Lourenço

Anexo IX - Texto de contracapa do livro *Na Sombra do Amor*

Anexo X - Capa do livro *A Guided Tour through the Museum of Communism*

Anexo XI - Exemplos de catálogos recebidos

Anexo XII - Recibo de pagamento a um tradutor

1. Contextualização

A 8 de Setembro de 2011 começava o meu estágio como assistente editorial na Casa das Letras¹ para obtenção do grau de mestre em Edição de Texto, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Embora breve, o estágio teve uma importante influência na minha formação, pois em dois meses consolidaram-se os conhecimentos apreendidos não só ao longo do mestrado em Edição de Texto, mas também ao longo da minha licenciatura em Ciências Documentais e Editoriais. Foi o culminar das situações, processos e ferramentas ensinadas, descritas e representadas nas aulas. Foi o esperado caso prático após um longo processo teórico. Também por estas razões, o relatório que se segue é focado nas novas descobertas a nível pessoal, mais do que no reforçar da teoria.

1.1. Grupo Leya

“A Leya é uma holding que integra as editoras Asa, Caminho, Casa das Letras, Dom Quixote, Estrela Polar, Gailivro, Livros d’Hoje, Lua de Papel, Ndira (Moçambique), Nova Gaia, Nzila (Angola), Oceanos, Oficina do Livro, Sebenta, Teorema e Texto.”²

A 7 de janeiro de 2008 nasce o Grupo Leya, uma empresa *holding* da qual começaram por fazer parte as editoras Asa, Caminho, Gailivro, Texto Editores e Dom Quixote. Administrada por Isaías Gomes Teixeira, a Leya tinha como objetivo ser o maior grupo editorial de língua portuguesa, tendo em vista não apenas Portugal mas os PALOP. Nesta mesma data a Leya apresentava o Prémio Leya de Romance, prémio atribuído durante a minha estadia na Casa das Letras ao Engenheiro Eletrónico João Ricardo Anacleto, pelo seu primeiro livro, *O Teu Rosto Será o Último*.

¹ A Casa das Letras é uma editora que pertence ao Grupo Oficina do Livro, que por sua vez pertence ao Grupo Leya.

² Frase descritiva utilizada por vários colaboradores do Grupo Leya como assinatura nos seus *e-mails*.

A empresa tem recursos que permitem acompanhar o livro durante todo o processo: gráfica, transportes, *marketing*, editoras, livrarias, *designers*. Isto permite à empresa um maior controlo de custos e uma melhor visão sobre o mercado do livro. Recentemente, afetado pela crise vivida no país, o Grupo Leya viu-se forçado a despedir mais de quarenta trabalhadores. Em contrapartida, o Grupo Leya tenciona aumentar o seu número de colaboradores no Brasil para cerca de setecentos até ao final de 2012 onde prevê faturar este ano “o mesmo que em Portugal, Angola e Moçambique no seu conjunto”³.

Durante o estágio, li todas as segundas-feiras as notícias enviadas pela *intranet* da empresa para todos os que fazem parte da mesma, dando-me assim uma melhor perceção do que se passava no panorama geral da mesma. Uma dessas notícias informava orgulhosamente a conquista dos primeiros cinco lugares do *top ten* de vendas no Brasil, onde a editora detém os direitos do escritor de autor de George Martin, cujos livros se encontravam nos três primeiros lugares.

1.2. Grupo Oficina do Livro

O Grupo Oficina do Livro nasceu a 1999, e é um grupo editorial integrado hoje pelas editoras: Casa das Letras, Oficina do Livro, Teorema, Estrela Polar, Academia do Livro, Quinta Essência e Sebenta. Em 2006, ano em que a Oficina do Livro vence prémio no 2º Congresso de Editores, o grupo passou a fazer parte da Leya, conferindo ao mesmo editoras de grande prestígio nacional das quais fazem parte dos seus catálogos escritores como Margarida Rebelo Pinto, Miguel Sousa Tavares e Haruki Murakami.

1.3. Casa das Letras

A Casa das Letras é uma prestigiada editora portuguesa que se foca tanto em livros de ficção como de não ficção. Do seu catálogo fazem parte grandes autores portugueses como Francisco Moitas do Amaral. Mas não é apenas em escritores

³ Informação retirada do *síte* do jornal *Público*: Notícia: *Leya despede em Portugal e aposta no Brasil*, dia 4 de janeiro de 2012, por Isabel Coutinho.

portugueses que se foca a Casa das Letras que publica nomes como Haruki Murakami, escritor japonês que se encontrava entre os favoritos para vencedor do prémio Nobel de Literatura 2011. O prémio acabou por ser entregue ao poeta Tomas Tranströmer. Durante a minha estadia na Casa das Letras, tive o privilégio de ter uma pequena participação na edição de do Livro *1Q48*, de Haruki Murakami, do qual revi as provas do primeiro capítulo que seria editado isoladamente para aliciar o público antes da publicação.

1.4. Considerações sobre *E-books*

A *e-ink*, tinta eletrónica, tem sido aperfeiçoada nos últimos anos. A tecnologia é simples: minúsculas esferas, brancas de um lado e pretas do outro, arranjam e rearranjam a imagem que nos aparece no ecrã, e para tal têm apenas de rodar. O que se espera de um bom *e-reader*, é que reflita a luz o menos possível, seja rápido a reorganizar a sua imagem e que esta seja nítida. Esta tecnologia permite uma leitura agradável sem o esforço dos olhos que exige um ecrã *led* ou qualquer tipo de tecnologia semelhante. Num pequeno aparelho podemos transportar milhares de livros, escolher a *font* em que queremos ler, o tamanho de letra, etc. A Amazon é líder no mercado dos livros eletrónicos e também a mãe da marca *Kindle*, a sua própria gama de *e-readers*, considerados os melhores do mercado, e do qual se pode aceder diretamente à loja para descarregar livros.

Ler um livro é sempre melhor, muitos dirão, o cheiro do livro, o virar das páginas, o romantismo do objeto, enfim. Não contestarei estes argumentos, mas a comodidade de um *e-reader* não pode simplesmente ser ignorada. Ter um leitor de *e-books*, não implica nunca mais voltar a pegar num livro físico.

O preço destes aparelhos é bastante acessível para a função que desempenham e os livros são muito mais baratos neste formato, para além de que muitos *sites* disponibilizam legalmente milhares de títulos gratuitos.

Embora nunca tenha trabalhado dentro da Casa das Letras com *e-books*, apercebi-me de que a maioria das edições tem a sua versão eletrónica. Mas se assim o é, porque é que tão pouca gente tem conhecimento deste facto? A verdade é que

ninguém parece ainda ter apostado realmente nos *e-books* no mercado português. Apesar de já existirem *e-reader* à venda, o conceito não está devidamente explicado ao público que continua a comparar este produto com *tablets*, até mesmo a Amazon criou o *tablet Kindle Fire*. É vulgar ler-se num fórum, ou mesmo quando se está a ler num *e-reader*, críticas como a falta de luz interior do aparelho, ou como não tem cores, ou como as funcionalidades da *internet* estão limitadas, ou pior, que o *tablet* também consegue ler *e-books*. É esta a ideia que tem de ser corrigida no público, a importância do aparelho reside na capacidade de oferecer uma imagem estática que seja apropriada à leitura. Consiste em aproximar-se da experiência de ler em papel no que diz respeito ao conforto ocular. É necessário divulgar qual o objetivo do *e-reader*, antes de promover *e-books* no mercado português.

Claro que existem os problemas de pirataria e proteção de direitos de autor envolvidos nesta equação, mas é importante lembrar também que o custo de fabrico do *e-reader*, bem como o custo de fazê-lo chegar ao leitor, são extremamente menores que o do livro em papel.

1.5. Primeiros Passos

Para ser totalmente honesto, devo confessar que a minha primeira escolha para o estágio curricular foi a editora Saída de Emergência, principalmente pelo seu catálogo e linha editorial, que dá um importante destaque ao fantástico. A Leya foi a minha segunda opção pela sua dimensão que me proporcionaria a oportunidade de observar uma grande atividade da edição moderna. O papel desempenhado pelo editor tem mudado ao longo dos anos e este tem agora de ser um empresário dos livros, a par do mercado e das tendências, preocupado com o *design* e o *marketing*.

Comecei por ter uma entrevista com a doutora Marta Ramires, editora chefe da Casa das Letras, na qual falámos não apenas das minhas expectativas mas também de gostos pessoais. Falámos de alguns títulos do fantástico e do maravilhoso publicados pela Casa das Letras, e foi-lhe possível perceber que a minha paixão era genuína. Quando voltei ao negro edifício no primeiro dia de estágio, fui informado de que apesar de trabalhar com todo o tipo de livros, a doutora Marta faria os possíveis para

me incumbir de livros do maravilhoso e do fantástico, tarefa que cumpru, e pela qual lhe agradeço imenso. Fui apresentado não só aos editores da Oficina do Livro como a dezenas de pessoas de diferentes casas editoriais com papéis distintos, desde administradores a *designers*. O ambiente de trabalho é muito diferente daquele que eu esperava, de um modo positivo. Fui acolhido com sorrisos e palavras calorosas de pessoas muito sociais, prestáveis e extremamente bem dispostas. Ao contrário do que temia, um dia a dia demasiado formal, rodeado de caras carrancudas, cada uma delas concentrada numa só tarefa, encontrei um sítio onde ideias são constantemente trocadas e opiniões são não só pedidas como valorizadas. Por vezes tinha noção de estar a ser chato com tantas perguntas mas havia sempre alguém disposto a responder-me. O facto de o primeiro livro do qual fui incumbido de revisão ter sido *Alice no País das Maravilhas*, não apenas um livro do maravilhoso mas um dos mais importantes e conceituados, ajudou a que a minha integração tenha sido mais rápida.

O trabalho começou a ocupar-me cada vez mais até não haver tanto espaço para dúvidas e forçar-me a ser mais ágil. Sinto que, dado o curto período de estágio, esta foi a escolha acertada parar absorver tanta informação quanto possível no que diz respeito ao trabalho prático sobre o livro.

2. Revisão e acompanhamento de livros

Sempre pensei no trabalho de revisão, em paralelo com o de tradução, como um desafio ético. É nesta fase inicial que se estabelece o produto que será entregue ao leitor e a fidedignidade com que o consumidor pode contar. Apesar de ter revisto, em exercícios de aula, certo texto, ou certo capítulo, não estava verdadeiramente mentalizado para a dedicação que implica a revisão de uma unidade da dimensão de um livro. É necessário tomar decisões e mantê-las até ao fim, é necessário não deixar que o cansaço ou o estado de espírito se entreponha na maneira como olhamos para o texto. É uma batalha por uma uniformização e unificação consistente e credível.

Para apresentação no relatório, decidi focar-me nos três livros mais marcantes que revi na minha breve experiência como revisor: *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, por ter sido não só a minha primeira revisão mas também a primeira responsabilidade que alguma vez tive dentro de uma editora, e por se tratar de um livro de que gosto particularmente; *Na Sombra do Amor*, de J.R. Ward e *Percy Jackson, A Batalha do Labirinto*, de Rick Riordan por pertencerem ambos a coleções muito distintas, o que me apresentou novos problemas próprios deste tipo de livros.

2.1. *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll

Para meu espanto, o primeiro dia na Casa das Letras não foi marcado por explicações teóricas ou observação dos procedimentos de trabalho. Foi-me mostrada a minha secretária, e apresentados colegas, e logo de seguida fui chamado ao gabinete da doutora Marta Ramires. Na entrevista, quando me foi perguntado qual o meu género favorito de literatura, respondi, sem hesitar ou ter de pensar sobre o assunto: o maravilhoso e o fantástico. Tive a sorte de estar a falar com a editora de *Jonathan Strange e o Senhor Norrel*, de Susanna Clarke. Em primeiro lugar, a doutora Marta pediu-me que levasse para casa um livro que tinha na sua secretária chamado *Ravenwoods*, de Andrew Peters, e que lhe desse a minha opinião no dia seguinte, depois incumbiu-me da revisão do livro *Alice no País das Maravilhas* que seria

posteriormente publicado pela Casa das Letras. Mal conseguia acreditar que o meu primeiro contacto profissional com um livro fosse nada menos que a revisão de um dos meus livros favoritos. Dirigi-me para uma sala silenciosa com o ozalide, uma caneta vermelha e o original. Estava a adorar todo o processo.

Foi uma manhã tranquila, a tradução tinha sido comprada à editora Bertrand, de modo que já tinha sido revista antes. Fiz a revisão apontando alguns erros que ainda existiam no texto, usando a simbologia aprendida nas aulas e sentindo-me muito orgulhoso de cada vez que o fazia. Mas depois surgiram as primeiras angústias como um mero assistente editorial estagiário. Lembrava-me do texto original bem demais para me sentir à vontade com certas decisões do tradutor, mas tinha a noção de não ser mais que um estagiário no seu primeiro dia de trabalho. Ganha alguma coragem, expliquei este facto à doutora Marta que me lembrou que a minha tarefa era rever e uniformizar o texto e não traduzi-lo, esse trabalho já tinha sido feito por alguém bem mais experiente que eu. Bem, era a pura verdade, e tive de viver com isso, ou pelo menos pensei que assim seria. Foi então que descobri, ou melhor, comecei nesse dia a descobrir um pormenor profissional em mim que desconhecia: sou extremamente picuinhas na edição de um livro. Sempre que encontrava aquilo que considerava uma falha de tradução, anotava à parte, mas desta vez preparei a proposta de cada frase a substituir e fui ter com a doutora Marta com algo mais do que apenas um dedo acusador. Descobri então que a minha editora chefe é uma pessoa que escuta os outros e não os julga baseando-se apenas na experiência que têm, ouviu-me e deu-me razão em alguns pontos e negou-me a vontade naqueles que considerou que eu estava errado. Por exemplo, *A mad tea party*, título do sétimo capítulo, foi traduzido para *Um lanche maluco*, e eu, como apreciador de Lewis Carroll, senti-me impelido em manter a palavra *tea* algures naquele título. Esse prazer foi-me negado e não parou de me atormentar discretamente num canto da minha mente até o livro ser publicado. Entreguei a revisão, que foi uma vez mais revista pela doutora Marta que pareceu satisfeita com o meu trabalho. Revi então uma outra vez o texto e passei-o novamente à editora chefe. Quando as provas pareciam estar concluídas no que diz respeito à revisão, a doutora Marta notou um erro imperdoável que nos escapara a ambos, o nome do autor estava mal escrito. Não conseguia acreditar que tal erro passara por

nós como um gato no escuro, faltava um “R” ou um “L” em Carroll. Lera o nome centenas de vezes e parte do meu cérebro simplesmente assumira que o que estava no frontispício estava correto, preocupando-se mais com o interior do livro. No entanto, essa falha foi provavelmente a maior aprendizagem que tive nos meus primeiros dias de trabalho, pois lembro-me perfeitamente que em todos os livros que revi depois desse, verifiquei sempre o frontispício com igual ou maior dedicação que dei a todas as outras páginas.

Entretanto, era discutida a capa na sala de *designers*, discussão na qual fiquei muito feliz por ser convidado a fazer parte. Mais uma vez a minha natural timidez de estagiário fez de mim um participante silencioso. E um participante silencioso pensei que seria até ao final da discussão mas, quando reparei que o coelho branco estava, bem, castanho, não contive o comentário entre os lábios. A doutora Marta sentiu, felizmente, que tal era, de facto, pertinente e ficou acordado que a cor do coelho seria clareada (não o suficiente para ser considerado branco como qualquer leitor pode confirmar).

O medo que sentia de a profissão não ser o que sempre pensara, estava a desaparecer logo nos primeiros dias, e o sentimento de participar na criação de um livro estava a mostrar-se de uma pertença em mim que não me deixava relaxar, num bom sentido.

O livro não teria a edição tradicional da Casa as Letras, que usa sempre o mesmo papel, com as mesmas dimensões, o mesmo tipo de letra, um padrão que teria capa dura e ilustrações interiores, mas não as criadas por John Tenniel propositadas para Lewis Carroll, seriam ilustrações digitais de Tiago Albuquerque e Adriano Lameiro. Por estar a participar tão afincadamente no livro, foi-me pedida a opinião acerca dos desenhos quando já incluídos no ozalide. Mais uma vez, foi por ser picuinhas que reparei numa falha que achei que não seria levada a sério. Estava felizmente enganado, embora se tratasse de uma mudança trabalhosa. O facto é que no capítulo sete é descrita uma situação em que a lebre molha um relógio de bolso no chá, e na imagem era o chapeleiro que o estava a fazer. Como não aparece a cabeça na imagem, era necessário mudar a cor do fato do personagem de castanho para verde (cor com que a lebre já tinha aparecido vestida) e mudar a mão humana para animal. Este

trabalho teve obviamente de ser feito pelo *designer*. Demasiado perto da publicação do livro apercebi-me de um outro pequeno erro nas ilustrações, desta vez demasiado picuinhas para que se procedesse a uma mudança tão perto da data de lançamento do livro. Resumidamente, num grande plano das mãos do chapeleiro, ele segura uma chávena de chá e uma fatia de pão com algo vermelho nele barrado, mas a descrição, no livro, refere manteiga.

Quando o livro foi publicado descobri duas novas sensações. Um orgulho não de mim mas do livro criado, pela sua simples existência, trabalho palpável. E algo parecido com um medo ansioso de pegar no livro e de repente aperceber-me de algum erro que tivesse passado, uma disforme imperfeição que se atreveria a sujar o objeto a que me dedicara tanto. E aconteceu, encontrei um e outro desagrado: a linha branca que cozia os cadernos atravessava entre as páginas azuis do índice, o papel escurece as ilustrações, o coelho branco continuava mais castanho que branco, mas eu podia viver com tudo isso, até virar o livro. As pernas do coelho branco na ilustração da contracapa estavam brancas, brancas como sempre deveriam ter sido, mas a cabeça estava castanha. Foi uma infelicidade que deveria ter sido notada antes, centenas de cópias estavam agora nas livrarias e era tarde de mais. Ainda assim tenho a minha cópia, é mais que um objeto, é um lembrar do meu primeiro trabalho como editor e das lições que aprendi com ele e dos erros que espero não voltar a repetir.⁴

2.2. Na Sombra do Amor

A doutora Marta fez os possíveis para me encarregar de livros do fantástico e tal como a maioria das editoras atuais, nós temos a nossa própria coleção de livros de vampiros, *A Irmandade da Adaga Negra*, de J.R. Ward, não se trata de boa literatura, mas vende e por vezes é necessário vender maus livros para se poder publicar bons. Como não estava familiarizado com esta coleção e estaria encarregue da revisão do sexto livro, *Lover Avenged*, decidi ler o primeiro livro da coleção no original, Inglês, e o quinto em português, não dispunha de tempo para ler a coleção inteira. Para além disso, apesar de não ser o que consta no livro, o quinto fora traduzido pela doutora

⁴ Ver Anexo I.

Cristina Lourenço, editora da Quinta Essência. A coletânea não me agradou particularmente, o subgênero do romance paranormal nunca me chamou muito à atenção.

Desta vez não se tratava de um ozalide mas sim da tradução em bruto e, como tal, exigiu um trabalho mais árduo e de maior responsabilidade. O prazo apertado e, por isso, andava com o manuscrito para todo o lado, corrigia-o em casa, no café, durante o fim de semana, enfim. Era como ler um livro mas de um modo mais interessante, sempre atento, a ler mais do que a interpretar, a anotar aqui e ali para comparar com exemplos mais adiante no livro, a recorrer ao original sempre que uma frase confusa me fazia questionar a sua tradução.

Uma das maiores dificuldades foi uniformizar certos termos, pois as traduções dos volumes anteriores (que consultava sempre que tinha uma dúvida deste género) tinham sido feitas por pessoas diferentes e como tal, num ou noutro termo, havia discórdia, quer fosse na tradução escolhida, ou em manter o original, manter maiúscula ou adaptar com minúscula, ou até mesmo o uso ou não do itálico.

Uma outra dificuldade foi não conhecer a personalidade de algumas personagens que tinham aparecido nos livros que não li, ficando na dúvida sobre deixar uma frase de um modo mais agressivo ou suavizar a “voz” da personagem. Nestas alturas, mais uma vez, recorria às anteriores traduções, bem como originais, consultando a doutora Cristina para uma maior eficiência da minha procura.

A tradução com a qual estava a trabalhar, devido ao apertado horário a cumprir, tinha sido traduzida a partir da versão do livro em português do Brasil, que por sua vez era uma tradução do inglês, de modo que de cada vez que consultava o original, sentia que havia uma significativa diferença entre o mesmo e a versão que tinha em mãos, devido à perda de informação de tradução para tradução. Inicialmente, reescrevia aqui e ali as falhas mais eminentes mas depressa percebi que estaria a piorar a situação, pois ficaria com uma versão traduzida de duas fontes diferentes.

Todo o processo é como pintar um quadro, nunca sentimos que está realmente acabado mas damos mais uma outra pincelada para o aproximar de um fim

consistente. Gostei particularmente do trabalho de “detetive”, remexendo entre os vários originais e traduções na busca do termo que deveria ser usado, discutindo ideias com a doutora Cristina que foi sempre fantástica e muito perspicaz. Ao contrário de *Alice no País das Maravilhas*, o livro teria o formato tradicional, próprio da Casa das Letras. Uma vez revisto o manuscrito, entreguei-o à doutora Isabel Garcia, editora executiva da Casa das Letras, extremamente simpática, para que visse na diagonal a minha revisão, de modo a ter uma ideia geral das principais alterações por mim propostas. Chegara a hora de introduzir as entradas no documento digital, um processo simples para o qual é usado o *Microsoft Word*. O texto foi então editado e formatado para o formato típico de um livro sem imagens usado pela Casa das Letras e tornado assim num ozalide. Havia apenas um ou outro pormenor a resolver, como introduzir a imagem da adaga negra por baixo do nome de cada capítulo ou preparar o glossário de terminologia usado na coleção (presente em todos livros). Um outro erro que quase passou despercebido, consistia no seguinte: há no livro um personagem mudo, e sempre que esta falava por gestos, o texto era escrito em itálico e sem travessão, e por vezes os outros personagens respondiam-lhe também em linguagem gestual, uma ou outra frase. Quando me apercebi disto, tive de reler todo o texto em busca das respostas que lhe eram dadas e procurar no original se estas eram faladas ou gesticuladas. Com este episódio, apercebi-me que os olhos de um leitor comum, teriam tido uma maior facilidade em perceber que algo estava errado, e que por vezes os olhos perscrutadores que buscam erros estão despreparados para uma anomalia fora do que se espera.

É importante referir, ou por outra, é importante para mim, pois contribuiu para me sentir de facto útil na editora, e não apenas um aprendiz passivo, que algures no processo, numa normal troca de *e-mails* entre mim e a doutora Marta, acidentalmente dei o nome ao livro, e de uma forma em que a lógica me falhou e só muito depois me apercebi: cada um dos livros é intitulado, no original, como *Lover “qualquer coisa”*, por exemplo, neste caso em particular *Lover Avenged*, mas ao traduzir para português, ao contrário da língua brasileira, foi tomada a decisão de manter a expressão *Na Sombra...* Como *Na Sombra do Dragão*, *Na Sombra da Noite*, etc. E, por lapso ou falha na lógica, enviei um e-mail à doutora Marta, questionando se este livro se chamaria *Na*

Sombra do Amor, quando, pela lógica, deveria ter perguntado se teria o título *Na Sombra da Vingança*. Na resposta que recebi foi-me dado a conhecer que essa decisão ainda não tinha sido pensada mas que *Na Sombra do Amor* dava um bom título, e de facto era melhor que *Na Sombra da Vingança*, no que diz respeito à história, manifesta uma correspondência mais fidedigna. Este pequeno acontecimento mostrou-me que uma casa editorial é um fluxo de ideias. Isto é, apesar de cada elemento ter necessariamente a sua tarefa a cumprir dentro de um sistema ordenado, tem de haver troca de ideias, conversa, discussão, sugestão.

Como recompensa pelo meu empenho, e tendo conhecimento de que tal me deixaria bastante satisfeito, a doutora Marta pediu-me que escrevesse um texto de contracapa⁵ do livro e algumas palavras da capa (é costume em cada livro da coleção aparecer palavras como “excelente”, “perfeito”, “sedutor” na capa). Fui avisado de que teria a chance de escrever o texto mas que obviamente, se não correspondesse às expectativas, não seria usado. Entrarei em mais pormenor sobre esta experiência no capítulo 8, referente à produção de originais. Dada a proximidade da Feira de Frankfurt, não fui convidado a participar na criação da capa como acontecera no livro anterior, pois havia muito trabalho de secretariado a fazer.

Quando a capa ficou pronta, foi-me enviado o *pdf*. para que pudesse ver como ficara. Na capa aparece um rapaz careca abraçado a uma rapariga morena, quando o principal tem cabelos longos e a sua amada, cabelos loiros. Referi o facto mas o relógio não para, o prazo tem de ser cumprido, e o pormenor era mais uma vez demasiado picuinhas. O livro só foi lançado depois da minha saída da Casa das Letras.

2.3. *Percy Jackson, A Batalha do Labirinto*, de Rick Riordan

Estava já no fim do estágio quando me foi delegado mais um livro de uma coleção, *Percy Jackson*. Mais uma vez li o primeiro livro no original e o último que fora traduzido em português, para ter uma ideia geral das personagens, do mundo, da terminologia, etc. O livro tem muitas semelhanças com *Harry Potter*, embora fique

⁵ NA verdade, trata-se de um texto na badana. Na contracapa figuram apenas comentários acerca do livro.

muito aquém. Apercebi-me que o original tinha uma escrita agradável, mas sentia que as traduções pareciam querer ser realistas na maneira como os jovens falam e, como é um livro que contempla um narrador presente, na primeira pessoa, por vezes torna-se desleixado. Em contrapartida é um livro infantojuvenil muito didático, não só fala da mitologia grega como transporta os personagens que nela figuram para o presente, dando conhecer personalidades fictícias mas factos mitológicos fidedignos. Devo admitir que, se na minha infância me tivesse deparado com esta coleção em vez de com *Harry Potter* e a tivesse vivido com a mesma paixão, teria consolidado o conhecimento sobre mitologia grega muito cedo e sem dificuldades. Se fômos uma geração capaz de lembrar todos os feitiços, criaturas, personagens, equipas e segredos da autora J. K. Rowling, mitologia não seria o problema. Apesar de não me chamar muito à atenção, descobri que há livros em que, mesmo que o prazer da leitura não seja muito satisfatório, o prazer da correção certamente o será.

Também neste caso, foi uma tradução em bruto que me chegou às mãos. Mais uma vez um verdadeiro desafio de uniformização. Para além da dúvida entre certos nomes e termos, havia ainda as expressões do grego. Havia novamente discórdia entre tradutores anteriores e a escolha nem sempre era óbvia. O que mais dificultou o meu trabalho foi, sem sombra de dúvida, o facto de a tradutora ter feito a escolha de usar sempre um determinante definido antes dos nomes das personagens. Isto é, “disse *a* Anabeth”, “apressou-se *o* Percy”. Consultei as anteriores traduções e verifiquei que o facto de o texto estar contado na primeira pessoa por um rapaz de dezasseis anos não era razão para manter estes determinantes. No entanto, quando em discurso direto, optei por deixar dessa forma. Este problema não ficava apenas pela maçada de ter de usar a caneta vermelha em todos os parágrafos mais que uma vez, pois surgira um novo problema derivado deste: mesmo em discurso direto, não conseguia suportar a ideia de deixar escrito “o Zeus é meu pai”, soava-me mal, o que complicava as coisas, tem de haver uma uniformização, mas há sempre a exceção. Fiquei contente e aliviado ao verificar nas anteriores traduções que o tradutor ou o revisor tinham achado por bem não usar determinantes definidos antes dos nomes dos deuses ou grandes figuras mitológicas, era uma questão quase instintiva, e a matemática é tão mais fácil de acertar do que o instinto.

Sentia-me mais confiante e organizado. Encadernara as páginas para melhor transportar o manuscrito para todo o lado, apesar de que, desta vez, o tempo não era um problema. Sentia como se cada tarefa me sussurrasse ao ouvido que tinha de ser feita, mas de um modo prazeroso, por vezes mais delicioso que ler e com uma sensação de dever cumprido no final. A minha hesitação perante certas correções que desejava fazer tinha diminuído consideravelmente, aquele medo de estar a mudar algo para pior já não estava lá, deixando-me trabalhar de mente focada, sussurrando a frase para mim próprio, por vezes, para ter a certeza de que estava perceptível e agradável. E quando a dúvida permanecia, consultava a doutora Marta, Isabel, Cristina, os amigos, namorada, família. Ouvia opiniões, ouvia ideias, mais uma vez esse fluxo era essencial, não ser apenas o criador de ideias mas sim o juiz da melhor opção.

Uma outra ferramenta muito útil na revisão de *Percy Jackson* foi uma diciopédia criada pelos fãs, dedicada à série de livros. Sempre que tinha dúvidas quanto a personagens que não figuravam os livros que tinha lido, podia consultar rapidamente (pois o *site* estava sempre aberto no computador enquanto trabalhava) e aceder à informação necessária.

Chegara o fim do meu estágio e não havia uma resposta conclusiva quanto à minha estadia mas não queria deixar o trabalho a meio e pedi à doutora Marta que me deixasse terminar a revisão do livro.⁶

Infelizmente não tive qualquer outro contacto com o livro após a revisão e ainda não o vi disponível nas livrarias.

2.4. Considerações

Embora por vezes penoso, o trabalho de um revisor é de todas as formas gratificante, dando oportunidade de opinar como poucos o podem fazer, na construção do livro a nível literário, e não como objeto. Na breve aprendizagem de que pude usufruir, através do trabalho prático, por meios de erro e de alguma obsessão, pude sentir a evolução de um olho clínico e preocupado, e de algum modo já

⁶ Ver Anexo II.

preparado para possíveis armadilhas que possam surgir, foi-me, no entanto, perceptível que a evolução de um revisor tem de ser apurada ao longo de muitos livros, pois em todos os casos aqui apresentados aprendi algo ou tive de proceder de maneira diferente.

Relembro alguns truques que me concedi aprender e que me ajudaram muito: Ao longo da primeira revisão, ir anotando uma lista das palavras que têm de ser alteradas em todo o documento (por exemplo: New Orleans, em *Percy Jackson*, não fora traduzido pelo tradutor, e tive de alterar constantemente para Nova Orleães) para no final fazer uma busca pelo documento e ter a certeza de que todas as entradas foram corrigidas; marcar vivamente passagens que acreditemos que serão úteis para melhor perceber o fluxo do texto; Anotar as expressões traduzidas para verificar a adaptação usada; Anotar as passagens de dúvida e respetivas localizações para as discutir com alguém mais experiente todas de uma vez, proporcionando uma só conversa mais longa e com maior teor.

Uma das dificuldades que senti em todos os casos, foi sem dúvida, o abrupto adaptar ao novo acordo ortográfico. Não referi antes mas o Novo Acordo Ortográfico foi uma ferramenta indispensável e de constante consulta sempre que existia uma dúvida. Para tornar a vida de todos os editores mais fácil, existe um programa chamado *Lince*⁷ que corre um documento *word* e automaticamente adapta o texto para o novo acordo ortográfico, não dispensando, no entanto, a revisão pelo olho humano.

Uma outra dificuldade inicial que se foi desvanecendo mas que só com muita prática desaparecerá totalmente, foi a falta de confiança em algumas decisões mais arrojadas que fui obrigado a fazer.

A parte da qual tirei mais prazer nesta tarefa, foi o trabalho de consulta, comparação, confronto de possibilidades, e todo o processo que exigia pesquisa, como corrigir uma tradução literal de uma expressão, e procurar uma que melhor servisse o propósito na língua portuguesa. Este trabalho levava muitas vezes a discussão de

⁷ Ver Anexo III.

ideias com pessoas mais experientes, o que me ajudou a consolidar os conhecimentos que ia deduzindo dos casos práticos.

Por fim, como referi antes para um caso prático, senti diferentes sentimentos ao longo do trabalho. Uma quase obsessiva vontade de concluir o trabalho, um orgulho no objeto criado, e finalmente, o medo de encontrar um erro depois de nada haver a fazer a não ser uma anotação para que tal seja retificado numa possível segunda edição. Abrir o livro e ter de lê-lo com o coração nas mãos temendo aquela nódoa literária que não limpamos, é um sentimento que atormenta todos os que participaram no livro, tal como pude observar.

O trabalho de um revisor nunca termina realmente porque nunca pode estar perfeito, é uma utopia, não há um livro sem erros, não há realmente uma versão *ne varietur*, imutável e decisiva. No entanto há um prazo e uma hora em que é necessário pousar a caneta vermelha.

3. *O dia Mais Longo*, de Cornelius Rayan: uma pesquisa

O mercado do livro sofre de modas e tendências de vez em quando, e as editoras não têm outra solução se não render-se a essas tendências e eu verifiquei que a doutora Marta estava a apostar, em termos de não-ficção, numa tendência para livros sobre Grécia e Roma antigas e confrontos da Segunda Guerra Mundial. Um livro que conquistou a editora foi *The Longest Day* que já fora tornado filme em 1962, traduzido para Português como *O Dia D* e que continua a ser uma referência daquele que foi o dia mais crucial da Grande Guerra. A doutora Marta tinha conhecimento de que havia uma edição traduzida pertencente à Bertrand, que fora publicada em 1989. O valor pedido pela Bertrand para a venda dos direitos da sua tradução provou-se mais proveitoso que levar a cabo uma nova. Procedemos à compra dos direitos mas havia um pequeno problema, a editora já não tinha nenhum exemplar. Foi-me incumbida a tarefa de encontrar uma cópia do livro. Visitei todas as livrarias e alfarrabistas de que me lembrei, contactei avós e outros interessados em guerra que me ocorressem. Todos tinham, em algum ponto, tido um exemplar nas mãos, garantiam-me, mas há muito tempo e não se lembravam de onde tinha vindo nem para onde tinha ido. Com o objetivo quase falhado, a doutora Marta aconselhara-me a ir à biblioteca municipal e digitalizar o livro página a página. Não via outra solução, mas depois lembrei-me do grande mercado em segunda mão que existe na *internet*. Pesquisei o livro e mal acreditei na minha sorte quando encontrei uma senhora que estava a vender o exemplar por dez meros euros. Pedi-lhe que mo enviasse por correio azul e em dois dias tinha-o na mão. Lembro-me de o levar à doutora Isabel Garcia que ficou radiante, e o levou de imediato à gráfica. Infelizmente nunca se proporcionou a oportunidade de lá ir, de ver o corte das páginas, os fólhos em bruto, as máquinas, enfim. Mas foi-me explicado o processo: as folhas seriam todas separadas (tanto tempo à espera de um livro para o estilhaçar, lembro-me perfeitamente de falarmos do sentimento que isto trazia, a minha colega mais próxima, Fátima Fernandes, que sempre me auxiliou nas pequenas dúvidas no dia a dia na empresa, revisora da Oficina do Livro, odiava ter de destruir um livro, a Isabel Garcia adorava o processo mecânico implicado) depois

seriam digitalizadas mas passariam por um *software* que identifica os caracteres, de maneira que ao invés de um simples documento digitalizado, obtemos um documento editável. Este *software* não é perfeito, confunde por vezes “rn” com “m”, entre outras anomalias, e o documento necessita de revisão humana antes de ser corrido no *Lince*, em todo o caso, é um *software* muitíssimo útil, de outra forma, todo o livro teria de ser reescrito num documento.

Entretanto foi-me pedido que me informasse quanto às imagens presentes no livro⁸, isto é, teria de descobrir a que galeria pertenciam e se tal coleção liberava os direitos de autor a um público aberto ou não, tínhamos comprado apenas os direitos de tradução da Bertrand, nada mais. Comecei por enviar um e-mail para a editora Simon & Schuster que publicara originalmente o livro em 1994. Enviaram-me uma pasta partilhada, sem nada me pedirem em troca, na qual estavam muitas das fotos do livro, no *e-mail* informavam-me que aquelas fotos eram de uso livre e que podia usá-las à vontade, as restantes já não tinham a certeza, mas indicaram-me um ou outro colecionador a quem podiam pertencer. Algumas imagens não tinham títulos, por isso foi, por vezes, um trabalho maçador, corria galerias de imagens às cegas ou fazia pesquisas em motores de busca do género “The Longest Day Cornelius Ryan Photography”. Consistiam em fotografias fascinantes tiradas durante a Segunda Guerra Mundial, muitas delas mostrando personalidades fulcrais para o desenrolar do dia D. Eventualmente fui encontrando uma a uma, sendo uma conquista de cada vez que o fazia. Depois de as encontrar a todas criei um documento com as várias fotografias e as suas descrições em português que estavam no livro desmantelado mas com letras demasiado pequenas para que o software as decodificasse. Apenas nessa altura corri os motores de busca para encontrar os direitos de autor sobre tais fotos, pois agora possuía os títulos das mesmas. Encontradas todas as fotos e pedida a autorização aos devidos donos, foi-me concedido o uso de quase todas as imagens exceto duas, pertencendo a uma coleção chamada *Worldwide*, os direitos a usar fotos dessa coleção manifestavam um preço que a editora considerou demasiado elevado para o efeito, dado que tínhamos acesso a todas as outras fotos gratuitamente. Compreendi a decisão, era de facto um pormenor, ter ou não aquelas fotos, mas por

⁸ Ver Anexo IV

outro lado fiquei triste, pois uma das fotos era bastante grande e mostrava uma imagem do dia D muito pura, via-se conflito direto, feridos, o verdadeiro fogo da batalha. A minha participação neste livro não se estendeu para além disto, dado que estava apenas a ajudar a doutora Isabel Garcia e que tinha entre mãos outras tarefas.

4. Procura de Livros

4.1. Procura de Livros no estrangeiro

Um editor não sobrevive sem uma agenda, por muitas tabelas e horários comuns que existam na *intranet* da empresa ou nas pastas de partilha comum, um editor tem de ter a sua própria organização, uma agenda, uma pasta própria organizada por si para si, um bloco, um quadro branco, o que quer que seja. Foi aos poucos que organizei o meu, primeiro com pequenas tabelas e listas, posteriormente com auxílio do computador para maior organização, a razão disto é a variedade de tarefas que o editor tem a desempenhar e como se manter a par de todas elas.

Nunca se pode parar de procurar livros, não importa quão carregada de trabalho esteja a secretária, ou quão entupida a caixa de *e-mail*. Uma rotina que criei foi, diariamente aceder à Amazon e informar-me dos livros mais vendidos, os mais recentes, os com melhor votação em termos de crítica pelos leitores, enfim, observar o mercado do livro diariamente. Depois haviam as procuras semanais, como no Times, entre outras revistas e jornais que apresentavam novos livros. Estas revistas, tais como os catálogos, passavam de mesa em mesa de editores e cada um ia assinalando os livros que lhe interessavam e anotando na sua agenda, passando ao seguinte. Os catálogos são outra fonte de informação muito valiosa, não se trata de uma rotina, pois são bastante imprevisíveis, dado que são enviados, principalmente, pelos agentes por via de *e-mail*⁹. Os catálogos devem ser vistos de imediato ou irão acumular-se rapidamente. Apresentadas as formas de contacto com o livro, o procedimento normal é ler as descrições dos livros, estudar a sua popularidade em outros países e tentar compreender se o livro se adapta ao mercado português, se tem relevância para o meio histórico, político, ou em qualquer outra área que possa abranger um público português. Ao longo da semana, fazia uma escolha cuidada dos livros que me pareciam interessantes, sustentando com argumentos anotados as minhas escolhas, quer fosse por ser um livro estrangeiro sobre Portugal (aprendi com a doutora Marta que o

⁹ Ver Anexo V.

público se inclina muito mais para um livro sobre Portugal ou passado em Portugal, quer seja romance, histórico, ou até gastronómico, escrito por um escritor estrangeiro do que por um português), quer fosse por ter sido um sucesso, quer fosse por se estar prestes a tornar filme, ou porque eu tivesse gostado especialmente daquele tema (é quase impossível não incluir este tipo de livros na lista, mas dado que não é uma escolha imparcial, nem sempre é aconselhável), e uma vez por semana reunia-me com a doutora Marta para lhe falar destes livros, conversava-mos sobre cada um e eu aprendia, pequenos truques de alguém experiente (como o exemplo dado acima referente aos livros sobre Portugal), ela indicava-me os livros que tinham a aprovação dela para serem pedidos aos agentes para possível publicação.

Esta fase exigia algum trabalho, pois apesar de termos bases de dados sobre os agentes e editoras e suas relações, essa base de dados não contempla nem poderia contemplar todos os agentes e editoras existentes, de modo que por cada livro que não soubesse a quem pertencia, começava uma busca que consistia em enviar *e-mails* a alguns agentes mais chegados da editora pedindo informações e procurar pelos contactos em motores de busca. Uma vez encontrados os contactos, questionada a disponibilidade dos direitos para tradução portuguesa. Pedidos os livros, registava as ações feitas quer na pasta geral da Oficina do Livro, quer num documento meu que me ajudava a sobreviver organizado a cada dia, e escrevia lembretes na agenda para me lembrar a insistir dali a uns dias caso não tivesse recebido ainda um ou outro livro.

Os livros, eventualmente, iam chegando, eis que compreendi outro facto logo no início do estágio: não é possível ler todos os livros pedidos. É impossível ler todos os livros pedidos na íntegra de modo que tive de adotar um sistema que me parecesse justo. Optei por proceder da seguinte maneira: de todos os livros pedidos lia o primeiro capítulo e um do meio do livro. Uma outra coisa que fazia nesta fase e que para mim se tornou indispensável, consiste em ir à Amazon, aos comentários dos leitores (porque aí sim, está uma estatística de um público) e ler sempre um bom número de comentários desde uma a cinco estrelas, o propósito era o seguinte, quando as críticas negativas se debruçavam na sua maioria na mesma falha do livro, algo significava, e o mesmo acontecia com as críticas positivas. Tendo lido o primeiro capítulo, um do meio, e críticas boas más desse livro, designava quais os que tinham a

minha aprovação, sobre os outros escrevia um comentário a cada um explicando o porquê de achar que não eram boas apostas e entregava-o à doutora Marta que, obviamente, se discordasse do meu julgamento, pedir-me-ia que o lesse na mesma. Os livros aprovados, li-os atenciosamente como um editor e como um leitor. Aos títulos que sobreviviam a esta fase, dedicava uma leitura mais dedicada. Depois de lidos escrevia, mais uma vez um pequeno comentário do porquê de achar que os livros deveriam, ou não, integrar o catálogo da editora, a doutora Marta lia então estes comentários e decidia ela própria os livros que aprovava. Esses livros seriam então comparados por ela com o mercado, com a linha editorial, com outros livros que ela escolhera, inquiriria os agentes e editores quanto ao preço dos direitos de autor e negociaria todos os possíveis termos, etc., este processo era levado a cabo por ela e posso apenas imaginar a confiança no seu próprio julgamento necessária para proceder à escolha dos livros que serão apresentados nas reuniões com o departamento de *marketing*, pois também é necessária a aprovação dos mesmos. Com imensa pena minha, nunca tive oportunidade de estar presente numa reunião desta natureza mas reparava na ansiedade da doutora Marta e percebi que era certamente ela quem teria de ter todos os valores e argumentos prontos para defender as suas escolhas.

Convém estar constantemente informado acerca de que livros seriam adaptados para filme e perguntar de imediato a certos contactos da Castelo Lopes Cinemas e da Lusomundo, se tais filmes chegariam a Portugal.

Ao procurar um livro é também preciso ter atenção à moda que vive a sociedade, por exemplo, procurar livros de vampiros, pedir exemplares de vários romances paranormais e folheá-los por algumas páginas na esperança que o destino nos diga se aquele será ou não o próximo êxito de vendas. Não se pode deixar de visitar vários *forums* de discussão em que editores, e leitores discutem as próximas tendências da literatura, tentando antever estes movimentos, procuramos literatura que pareça corresponder aos padrões das previsões, mas estas apostas são todas instintivas, os vampiros pareciam estar a ser destronados pelos anjos, no lugar de destaque do romance paranormal e afinal estão a ser disputados pelos lobisomens. Há ainda a faceta macabra de entrar o mais rapidamente possível em contacto com os

agentes que tenham os direitos de uma personalidade que falece. Relembro as múltiplas opções que tivemos de biografias, quando faleceu Steve Jobs, e a Casa das Letras, como tantas outras, escolheu a sua aposta e editou um livro sobre o tema.

Não existe uma fórmula, existe um olho treinado, muito estudo de mercado e uma boa intuição, senti essa intuição, embora tenha a noção da minha pequenez, com um livro que não me foi negado e pelo qual estava a lutar mas que infelizmente não consegui a aprovação da doutora Marta antes de deixar a editora, de maneira que temo que tenha sido esquecido. Devo admitir que não concretizei esta tarefa com muita eficácia, embora a doutora Marta tenha gostado de algumas das minhas sugestões, apontou-me o facto de me prender muito ao meu gosto pessoal, e penso não ter corrigido esse erro ainda.

4.2. Leitura de Originais

Ao contrário do que imaginei, não chegam muitos originais portugueses à editora. Percebi nas poucas leituras que tive oportunidade de fazer que o original tem de ser lido com vista no seu potencial e não no objeto em bruto que nos é apresentado, pois não passou por qualquer revisão ainda e não se pode esperar um trabalho perfeito antes de todo o processo. Ainda assim, no contacto que tive com apenas dois manuscritos originais, concluí que nenhum deles tinha capacidade para integrar o catálogo da editora, o que me deixou com muita pena, pois gostaria de ter oportunidade de viver a experiência de conhecer um escritor português que viesse a integrar a editora. Ouvia falar ao almoço das reuniões semiformais com escritores para discutir alterações no livro e tal parecia-me de uma excitação extrema. Percebi porém que esta situação não é tão frequente quanto deveria. A corrida aos escritores estrangeiros que já se tornaram *bestsellers* ofuscam grandemente a aposta em novos escritores.

5. Ética Profissional e Ética Pessoal

Qualquer aspirante a editor imagina que livros irá editar e, nesses sonhos acordados, são sempre os livros de que gosta que figuram. Quer seja um livro estrangeiro, desconhecido em Portugal, que sempre adorou, uma reedição de um livro que considera subvalorizado pela época em que foi editado ou mesmo pelo modo. Um estudante desta área sonha fazer jus à boa literatura. Infelizmente este sonho já não é possível de concretizar se uma editora fizer muita questão de sobreviver no mercado português. Existem modas e não há como lhes fugir, existem belos livros aos quais os números de vendas não lhes correspondem tal como existem *bestsellers* sem conteúdo e uma corrida louca pelos seus direitos. Não quero com isto dizer que o editor é um ser completamente corrompido, mas certamente tem de o ser parcialmente. O olho clínico já não serve para procurar boa literatura mas principalmente produtos com um grande potencial de vendas, é necessário ser um empresário dos livros. Existe, obviamente, literatura que vai de encontro aos parâmetros do editor tanto como aos do empresário, como por exemplo, publicado pela Casa das Letras, Hakuri Murakami .

A Casa das Letras é uma editora de prestígio que pretende continuar a orgulhar-se do seu catálogo, o que, felizmente, fez com que me sentisse parte de uma equipa que ainda luta pela literatura (ainda que muito menos que outras editoras que infelizmente não têm conseguido manter um nível de vendas que as sustente, como a editora Assírio & Alvim que por tanto tempo conseguiu resistir às grandes editoras mas que acabou por se render). Ainda assim, não nos podemos esquecer que os livros têm de ser aprovados em reuniões que contemplam o *marketing*.

Interiorizado isto, cabia-me agora auxiliar esta procura de livros. Com regularidade, visitava fóruns sobre o romance paranormal, quer portugueses, quer estrangeiros, numa tentativa de interpretar padrões que se repetissem em vários livros deste género bem sucedidos, e procurava livros que enquadrassem estes parâmetros. Infelizmente, quando os livros me chegavam à mão, não me sentia muito capaz de julgar o livro, a maioria pareciam péssimas obras literárias, mas quem saberia se seria

o próximo sucesso? Consultava muitas vezes a doutora Cristina, para pedir a opinião, pois é a editora da Quinta Essência, e como tal está acostumada a lidar com um público feminino. Também fora ela a sugerir à doutora Marta a publicação da J.R. Ward (*A Irmandade da Adaga Negra*, é uma coleção de romance paranormal publicado pela Casa das Letras como já foi referido), e hoje é uma das coletâneas mais bem-sucedidas da Casa das Letras.

Lembro-me de o professor Rui Zink nos ilustrar esta situação com um exemplo pessoal verídico. Tinha ido a Las Vegas a trabalho, com estadia e gastos pagos. O seu trabalho era, se não estou em erro, comparecer num desfile de moda e escrever uma crítica positiva acerca dele. Lembro-me de nos explicar nessa altura que a opinião pouco contava naquela situação, pois um trabalho é um trabalho e aquele era o dele, quer o desfile corresse bem ou mal, a sua função era escrever uma crítica a favor do desfile e era o que faria em todo o caso. A sua explicação ganhou uma luz mais brilhante quando uma aluna respondeu “eu não me vou vender assim” e o professor lhe respondeu com descontracção “então não vai a Las Vegas”. E é de facto a metáfora perfeita, o mercado move-se e o editor tem de se adaptar a ele para que possa sobreviver. A verdade é que para publicar livros de que gosta, o editor tem de publicar também os que não gosta.

Este é o relato de um caso de confronto pessoal com profissional que me aconteceu. Como já referi, a doutora Marta estava inclinada para a publicação de livros sobre a Grécia e Roma antigas. Navegando pela Amazon, encontrei um livro chamado *God of War*, de Matthew Stover baseado numa série de jogos de vídeo criados pela Sony. Fiquei extremamente entusiasmado, tinha jogado os jogos e sempre falara da possibilidade de se tornarem em livros. Sugeri-o à doutora Marta, sustentando a minha escolha por se tratar de um livro sobre a antiga Grécia bem como a sua mitologia, e por ser baseado numa série de jogos de grande sucesso. Com a aprovação dela, pedi o livro à editora Del Rey que me respondeu de imediato. Entretanto enviei à doutora Marta alguns vídeos do vídeo jogo de modo que ela soubesse exatamente do que se tratava. Lembro-me de ela comentar que era um pouco violento mas disse-me que lesse o livro na mesma. O livro é uma carnificina. Golpe atrás de golpe, ainda mais atroz que no ecrã, pois é necessária cada descrição. Na altura de fazer o comentário ao

livro estava um pouco perdido, aquele era o tipo de livro que poderia realmente ter a aprovação da doutora Marta, era um livro que eu queria ver publicado mas não era um livro que enquadrasse a linha editorial da Casa das Letras. Decidi escrever um comentário imparcial do livro, apontando os fortes e fracos com sinceridade e sabendo que estava a destruir a hipótese de publicação na Casa das Letras por minha sugestão. Alerttei a doutora Marta de que era um livro que a Saída de Emergência publicaria certamente quando o encontrasse, pois não seria o primeiro jogo de sucesso a encontrar o seu lugar nas páginas de um livro da editora.

São estes os conflitos pessoais que percebi ter de me abstrair no trabalho de pesquisa por livros, a esperança de que um livro do meu agrado enquadrasse a linha editorial da editora, traduziu-se numa perda de tempo precioso. Lamento não me ter deparado com mais casos em que tenha sentido abalados os meus valores, de modo a poder evoluir perante este tipo de situação, mas a estadia na Casa das Letras foi curta, e ter tomado a decisão certa nesta situação, mostrou-se uma importante lição em quando devemos ser leitores, editores, ou empresários.

6. A frustração de uma escolha negada

No capítulo anterior referia uma situação em que compreendi que apesar de tentadora, é importante reconhecer quando uma escolha é má. Agora partilharei a experiência do que senti ao realmente acreditar no potencial de um livro e este me ser negado. Vou dividir esta experiência em três livros distintos, no que aprendi em cada caso, porque me foram negados e porque senti que eram uma boa aposta e no percurso que executei numa tentativa de não desistir dos livros.

6.1. *The Edge Chronicles* de Paul Stewart e Chris Riddell

Este foi o primeiro caso com que me deparei, na verdade foi uma derrota pela qual culpo parcialmente a Porto Editora num caso de má exposição do seu produto. *The Edge Chronicles* é uma coletânea de livros do maravilhoso escrito por Paul Stewart e ilustrado por Chris Riddell. Os criadores são ambos ingleses muito aclamados no Reino Unido onde a série é um *bestseller*.

Acreditei verdadeiramente na viabilidade de uma aposta nestes livros não só pelos números, que são bastante positivos, mas também por outros fatores. Existem ao todo, neste momento, quinze livros e prevê-se um crescimento deste número, o que é sempre uma mais valia para as editoras, ao invés de um produto trata-se de quinze e caso exista uma aderência do público, há teoricamente, quinze vezes mais lucro. Em segundo lugar, a série enquadra o tipo de livros do maravilhoso que a Casa das Letras tem vindo a publicar, pode ser considerada uma aposta um pouco mais arrojada que o *Percy Jackson*, mas certamente menos que *Jonathan Strange & Mr Norrell*. Para além desta série, caso apresentasse níveis de vendas favoráveis, existem mais duas coleções da parceria entre o autor e o ilustrador, pertencentes à mesma de grande sucesso. A coleção terá em breve, no Reino Unido, uma série animada que talvez pudesse chegar a Portugal. É na minha opinião boa literatura dentro do género, muito original, diferente do que se conhece dificilmente se poderá encontrar pontos similares com outros livros publicados. E finalmente, os números mostram que esta

série tem um público alvo que abrange leitores de todas as idades, sendo mais forte, contra todas as expectativas, na faixa etária entre os vinte e os vinte e cinco anos.

A doutora Marta ficou genuinamente interessada, apesar de existir um problema neste quadro. A Porto Editora já publicara em 2007 três livros da coleção como sendo uma trilogia e os números não tinham sido favoráveis. Ainda assim pedi os exemplares para a doutora Marta. Tive então uma pequena reunião para discutirmos o porquê do fracasso destes livros na Porto Editora. A minha opinião mantém-se. Um projeto desta magnitude, refiro-me a possibilidade de publicação de quinze livros, mais duas possíveis coleções, um possível mercado adulto, etc., merecia uma divulgação mais dedicada e um maior trabalho de acompanhamento do livro após a publicação. Os livros podem ser encontrados nas livrarias na secção infantojuvenil, numa estante lado a lado com dezenas de outros livros, deixando visível apenas a lombada. Não o é assim apenas agora mas desde a sua publicação, o que contribuiu para que o livro passasse despercebido e tomado como um livro para crianças, logo, mesmo que comprado, falharia no seu total potencial nas mãos de uma criança.

Apesar das minhas vãs tentativas de explicar o fracasso do livro em Portugal, a doutora Marta considerou uma aposta demasiado arrojada mas ainda assim deu-me permissão para pedir exemplares das outras coleções. Entrei mais uma vez em contacto com o editor a quem expliquei o porquê de não avançarmos com a coleção, este enviou-me as cópias pedidas e até ao meu último dia na Casa das Letras eu lutei para que não fossem esquecidas, mas a minha breve estadia, a necessidade de dedicação à Feira de Frankfurt e a proximidade do Natal, afogaram tais livros numa pilha de trabalho na qual deve permanecer.

Tenho plena consciência que o meu gosto por estes livros contribuíram em grande para a luta que tentei travar mas a verdade é que acreditava realmente no potencial de uma edição que lhes faça jus em Portugal.¹⁰

¹⁰ Ver Anexo VI.

6.2. Sir Terry Pratchett

Terry Pratchett, um dos melhores escritores ingleses vivos foi nomeado em 2009, cavaleiro da rainha, detém a maior série de livros do maravilhoso no mesmo mundo. Quase totalmente desconhecido em Portugal, o escritor de sessenta e três anos e quase o mesmo número de livros (sendo que 39 deles pertencem à coleção *Discworld*). *Discworld* é uma espécie de crónicas em que cada livro pode ser lido individualmente do seu todo, é uma série humorística que captou a minha atenção por muitos dos mesmos fatores que *The Edge Chronicles*. Para dois dos livros da série, foi feita uma adaptação para desenhos animados em sete episódios cada um, Outros dois livros foram adaptados para filme, *The Colour of Magic* em 2008 e *Going Postal* em 2010. Foi infelizmente descoberto um tipo raro de Alzheimer no autor dos livros que não lhe permite muitos mais anos de escrita. Num outro livro o autor trabalhou com Neil Gaiman, autor de livros do maravilhoso já reconhecido em Portugal, e fã de Terry Pratchett na criação do livro *Good Omens*. Em adição, o autor fez um documentário em 2011 intitulado “Choosing to die”, em que apresenta vários casos de pessoas que escolhem falecer por morte acompanhada quando sofrem de doenças terminais que lhes consomem o dia a dia. Esta prática não existe em muitos países, precisamente por ser ilegal, o que conferiu muita polémica ao documentário. Terry Pratchett põe a hipótese de escolher morrer quando já não for capaz de criar livros. Não só pelo mérito em si que este escritor tem, mas também por esta polémica recente, e por ter um escritor reconhecido em Portugal a acompanhá-lo, sugeri a publicação de Terry Pratchett.

Para minha surpresa, tal não era algo em que a doutora Marta já não tivesse pensado, mas infelizmente, o escritor exige que para que a *Discworld* seja adaptada noutro país, deverá ser publicada a partir do primeiro volume. As editoras querem novidade, porque o público alvo quer novidade. Não podíamos simplesmente comprar os direitos do livro mais recente da *Discworld*. Para piorar, já em 2003, pela editora Temas e Debates, tinha sido publicado *The Colour of Magic*, o primeiro volume da série, e tinha sido uma má aposta. Quanto aos livros que não pertencem à *Discworld* mas do mesmo autor, já a Saída de Emergência fizera a proposta, recentemente, publicando *The Carpet People*, embora o livro tenha sido publicado pela primeira vez em 1971.

É óbvio que neste caso percebi de imediato a impossibilidade e inviabilidade de publicar Terry Pratchett pela Casa das Letras. Mas foi mais tarde que me senti verdadeiramente vazio face à minha impossibilidade. Como esperado, foi publicada a biografia do autor e deixei que a minha vontade pessoal se atravessasse à frente do meu trabalho e sugeri novamente a publicação. Não deixava de ser uma personalidade muito polémica atualmente e um grande escritor nomeado cavaleiro da rainha. Como esperado, a doutora Marta não acreditou no futuro de um tal livro em Portugal, e certamente com razão. Foi nesse dia que senti o maior vazio enquanto assistente editorial. Enquanto a grande máquina de livros girava e produzia, passava pelas minhas mãos a biografia do meu escritor favorito vivo, com sessenta e três anos e a sofrer de Alzheimer, a considerar a morte acompanhada como uma opção, e não havia nada que eu pudesse fazer para mudar a situação. Reponderei todo o episódio e percebi que não podia deixar que o gosto me afetasse assim, não neste trabalho. Fiz então o que estava ao meu alcance como mero leitor e enviei uma carta a Sir Terry, desejando-lhe as melhoras e oferecendo apoio.

6.3. *The Dust of 100 Dogs*, de A.S. King

Neste caso o meu gosto pessoal não esteve em jogo, dado que não conhecia a autora nem o livro. Vi-o num catálogo da editora *flux*, especializada em edições juvenis, e lembro-me que a ideia me agarrou de imediato. Tratava-se da história de uma jovem pirata do século XVII que tinha sido alvo de uma maldição, sendo obrigada a passar pela vida de cem cães antes de poder voltar a nascer como humana com memória de todas as suas vidas passadas. Tal viria a acontecer nos anos setenta, e agora a jovem que conta a história quer apenas pegar numa pá e navegar para as caraíbas para desenterrar o tesouro que deseja há séculos. A capa era apelativa e o título genial. Tive aprovação da doutora Marta para o pedir e quando chegou reparei em mais um pormenor a favor, entre os capítulos, existiam curiosidades sobre cães e dicas oferecidas pela personagem¹¹. Os números também não traíam o livro e avancei com a proposta. Esta nunca me foi verdadeiramente negada, mas o catálogo da

¹¹ Ver Anexo VII.

editora estava preenchido até ao fim do ano e a Feira de Frankfurt estava tão próxima que fora impossível levar em conta novos livros naquele momento. A proposta ficou feita para avaliação da doutora Marta e não sei que decisão terá sido tomada entretanto.

7. Tradução

7.1. Escolher um tradutor

Infelizmente só tive oportunidade (e mesmo assim restringida) de escolher um tradutor e de sentir como deveria proceder nesta escolha. Julgo que a tarefa me foi atribuída para que não saísse da Casa das Letras sem ter pelo menos uma ideia de como era levada a cabo esta tarefa. Para um editor experiente é algo rápido, um nome que atribuí àquele género de livros e do qual gostou do trabalho, algum tradutor de que goste particularmente e que esteja disponível, enfim. Para alguém destreinado é algo mais complicado. A doutora Marta deu-me três nomes e disse-me que escolhe-se uma para traduzir o livro *Giant George* por Lynne Barrett-Lee.

O primeiro passo que dei foi verificar a disponibilidade dos tradutores num documento comum que oferece essa informação. Como todos estavam livres, corri a lista de livros estrangeiros publicados pela Casa das Letras para verificar que tipo de livros tinham traduzido, quanto ganhavam à página, se tinham cumprido os prazos e com que frequência trabalhavam com a editora.

Tendo já a minha escolha mais ou menos tomada, decidi pegar num livro previamente traduzido por [nome do tradutor] e na versão original. Procurei passagens que achei mais desafiantes à tradução e verifiquei como as tinha traduzido. Convencido e confiante da minha decisão, comuniquei-a à doutora Marta que aprovou.

O passo seguinte foi contactar o tradutor, inquiri-lo quanto à disponibilidade, informa-lo do tamanho do livro, o prazo em que a tradução teria de ser concluída e o teto (preço máximo pago pela tradução). Foi uma conversa breve que se seguiu pelo envio do exemplar. O contracto seria tratado com a doutora Marta, neste caso, mas em outros casos elaborei eu próprio o contracto de tradução.

Finalmente, registei o livro como já tendo um tradutor, e criei um lembrete na minha própria agenda para me lembrar de insistir com o mesmo perto do final da tradução. Não viria a ter tempo de dar uso ao lembrete mas semanalmente corria a

lista de livros que estavam a ser traduzidos e verificava os que estavam perto da data acordada. Contactava então os tradutores dessas obras a perguntar pelo progresso e alarmando-os de que era mesmo necessário que fossem entregues o mais rapidamente possível. Era um trabalho chato mas aprendera com a doutora Marta que esse trabalho chato ajudava a garantir que as coisas fossem feitas atempadamente.

7.2. O teste de tradução¹²

A minha experiência de tradução aconteceu de um modo proactivo. Desde o início que o meu trabalho fora direccionado pela doutora Marta para o mercado inglês, língua com a qual me sinto confortável. Com a quantidade de livros em inglês e contactos que tive de fazer na mesma língua, essa confiança aumentou e, a dada altura, reconhecidos os meus pequenos apuros aqui e ali nas traduções quando acreditava ter uma melhor solução, foi-me sugerido pela doutora Cristina, que fizesse um teste de tradução. Pedi-lhe que me enviasse um e ela assim o fez. Pediu-me que traduzisse o prólogo de um livro em que estava correntemente a trabalhar. Procedi à tradução e entreguei o teste com um pouco de confiança a mais, pois o resultado não fora o melhor. O problema não estava na minha capacidade de perceber a língua mas sim em esculpir o texto para português. A tradução ficou demasiado literal e como tal a língua parecia forçada. Mas a doutora Cristina disse-me que não desanimasse. Que treinasse e que volta-se a fazer o teste quando me sentisse mais confiante. Assim sendo, peguei em vários originais e respectivas traduções e comecei a estudar como funcionava o processo. Entretanto, mesmo quando lia em casa, por prazer, fazia-o no *kindle*, lia em Inglês e sempre que tinha dúvidas em alguma palavra, usava a função de dicionário que não funciona como uma tradução mas sim como um dicionário de língua inglesa.

Como mantive o contacto com a doutora Cristina, mesmo depois de terminar o estágio, pedi-lhe recentemente um outro teste de tradução, que ela me concedeu no mesmo dia. Apliquei-me com muito mais nervosismo mas também mais prática e enviei-lhe o e-mail com a tradução anexada. A ansiedade crescia em mim mas a

¹² Ver Anexo VIII.

resposta chegou rapidamente. A reação foi positiva, e a doutora Cristina informava-me ainda que por agora todos os livros do plano da Quinta Essência, da qual é editora, estavam preenchidos mas que quando tivesse trabalho entraria em contacto comigo. Fiquei bastante motivado por estas palavras, pois é mais um contacto com o livro que nunca tinha experimentado e que se provou mais um desafio delicioso, tal como a revisão.

7.3. Tradução do livro *Mudle Earth*, de Paul Stewart e Chris Riddell

Desde o fracasso do primeiro teste de tradução que decidi traduzir um livro como modo de treinar o que aprendia ao estudar outras traduções. Decidi-me por um livro simples mas de que gostasse, o cruzar destas duas condicionantes levou-me a *Mudle Earth*. É um livro humorístico de literatura fantástica e esse foi o primeiro desafio, pois existe determinada terminologia criada especialmente para aquele mundo, mas muitas vezes é uma contraposição de termos em inglês que originam uma palavra, ou uma paródia que só tem sentido na língua materna. É preciso decidir se será criada uma nota de rodapé a explicar o facto ou se será encontrada uma solução na língua portuguesa. A segunda hipótese foi aquela pela qual segui a maior parte das vezes, não só pelo desafio mas por se tratar de um livro infanto-juvenil.

Outro facto que percebi de imediato: a dimensão de um livro pode dificultar em muito a tradução, isto é, não se tratava de um mero prólogo como no teste. Como tal é preciso ser coeso e não alterar o modo como se decide traduzir do início ao fim, o tipo de linguagem que se usa ao começar tem de ser o mesmo até à última página, tal como a “voz” de cada personagem e os seus maneirismos. É necessário formatar o livro de acordo com regras que o próprio tradutor tem de criar e seguir. Esquemas, anotações e lembretes ajudam a concretizar esta tarefa. A língua inglesa é bem mais sucinta que a portuguesa, de modo que existe um leque de escolhas de como será traduzida a fala de uma personagem, mas convém manter a sua linguagem coerente ou cai-se na inconsistência, o que torna as personagens vazias.

Após o teste mais recente, mais confiante, recomecei a tradução do livro *Mudle Earth* com maior empenho com intuito de que venha a fazer parte do meu curriculum.

Esta experiência ensinou-me ainda que é necessária uma grande proactividade para evoluir na edição, caso tivesse feito apenas o que me foi pedido, o trabalho de escritório teria ocupado a maior parte do meu tempo na Casa das Letras.

8. Produção de Textos Originais

Como a estadia na Casa das Letras seria extremamente curta, para tirar o maior partido possível em termos de aprendizagem, queria ter oportunidade de participar em todas as atividades respeitantes ao livro. Foi por isso que quando terminei a revisão do livro *Na Sombra do Amor*, pedi, com muito pouca esperança de que tal me fosse concedido, a oportunidade de escrever o texto de contracapa, ou mais especificamente, de badana como já referi anteriormente. Para meu deleite e surpresa, a doutora Marta decidiu que eu merecia uma chance de tentar, não havia nada a perder e eu provara até então o meu empenho, e conhecia a história de trás para a frente.

A primeira coisa que fiz, foi ler os *teasers* dos anteriores livros da coleção. Estudei minuciosamente que pontos particulares e gerais da história tocavam e qual o padrão que mantinham. Restringiam-se a três parágrafos. O primeiro trata-se de uma apresentação inicial praticamente imutável, mudando apenas a última frase que faz referência ao personagem principal. Os dois parágrafos seguintes eram mais livres.

Elaborei o texto cuidadosamente, li, reli, reescrevi até não conseguir mais olhar para o texto. Eram apenas umas linhas mas era a minha hipótese de ter um texto escrito por mim na contracapa de um livro. Enviei o documento à doutora Marta e senti o nervosismo crescer. Ao retomar as minhas funções, não conseguia parar de olhar para a caixa de entrada de *e-mails* à espera de ver uma resposta, que eventualmente chegou. Era apenas uma linha que dizia “Tens de encurtar o texto”. Não era negativa, não era positiva. Apressei-me a cumprir o pedido, modificando frases e cortando pedaços de informação menos relevante até que ficou apenas o essencial (ou o novo essencial, pois já antes pensara estar a contemplar nada mais que o indispensável). Enviei uma segunda vez e uma nova resposta me chegou, “não deves usar terminologia própria do livro no *teaser*.” Argumentei que sendo o sexto livro, o público já estaria familiarizado com os termos, mas a resposta que me deu foi sensata, como sempre o era: sempre que sai um livro da coleção, é colocado nas livrarias em

destaque e com isso esperasse conquistar novos leitores, que ficariam aturdidos com o impacto de termos específicos que não conhecem. *Touché*, pensei, mais uma valiosa lição, e procedi à alteração mais uma vez. Após enviado recebi mais uma resposta que indicava apenas um erro aqui ou ali que tinham de ser retificados. Concluída esta correção e mais uma vez enviado o documento, recebi a resposta que esperava, o texto tinha sido aprovado¹³, estaria na contracapa, e eu podia ainda escrever as palavras que apareceriam na capa (uma seleção de palavras como “excelente”, “perfeito”, “apaixonante”, etc.).

Foi uma pequena grande conquista e assim que a capa estava pronta, foi-me enviado o *pdf*. pelo *designer*.

No dia em que o livro foi exposto nas livrarias, corri para a FNAC mais próxima para reler o texto já no objeto livro como que com medo que tivessem mudado de ideias, dado que não tive tempo suficiente no Grupo Leya para o ver antes. Foi mais uma aprendizagem e uma conquista que fizeram valer cada momento na editora.

¹³ Ver Anexo IX

9. Relações Públicas

Desde os primeiros dias no Grupo Leya, que aprendi que a equipa de trabalho se estende para além da empresa. Refiro-me a agentes e editores com os quais a editora mantém boas relações e que auxiliam o trabalho do editor a manter-se informado das publicações imediatas das várias editoras no estrangeiro.

Nos meus primeiros *e-mails*, dei-me a conhecer como o novo assistente da doutora Marta e percebi que as relações que se mantêm na área da edição são para minha surpresa muito humanistas. Pude sempre contar com estes agentes para me auxiliarem em qualquer busca, tal como eles podiam contar comigo. Mantinha-os informados quanto ao tipo de livros que nos interessavam no tempo presente, e estes precaviam-me de livros ainda por publicar, enviando-me os materiais que já tinham disponíveis e considerando a Casa das Letras como tendo a primeira palavra na compra dos direitos para Portugal.

É importante fazer o mesmo, pois estes contactos devem ser tratados como amigos, isto é, lembrarmo-nos deles não só quando necessitamos mas em todas as horas. Quando tinha em mãos um livro que acreditava ter potencial ou quer fosse ou não ser publicado pela Casa das Letras, informava os agentes ou editores cuja linha editorial contemplava aquele tipo de livro, por vezes concedendo antecipadamente os contactos necessários caso estivessem interessados. Muitos destes editores encontram-se pessoalmente em ocasiões como a Feira de Frankfurt onde reforçam as suas relações.

É importante também manter os agentes informados quanto ao estado de apreciação em que está o livro e ser honesto e direto quando não iremos avançar com a proposta, o que acontece na grande maioria das vezes, pois são pedidas dezenas de exemplares e apenas uma média de seis livros são publicados mensalmente, pela Casa das Letras. A princípio sentia-me tímido a declinar um livro mas depressa percebi que era algo natural.

Convém estudar um pouco sobre cada agente e editora, no início sentia-me perdido em saber quem é quem e quem pública ou representa o quê mas rapidamente os nomes começam a fazer mais sentido.

Lembro-me de um caso particulares em que eu próprio procurei contactos fora da base de dados da Oficina do Livro.

O primeiro caso deu-se por curiosidade, queria saber da “boca” de quem percebe realmente do assunto, como estava o mercado brasileiro em termos de livros de *Role Playing Game*. Em Portugal, nos anos oitenta fora publicado pela Verbo uma série denominada *Aventuras Fantásticas*, de Steve Jackson, deste tipo de livros mas não passava de um sistema de jogo muito rudimentar. Ainda assim os livros venderam durante décadas, pois há dez anos atrás ainda os comprava nas livrarias. Pesquisei rapidamente na *internet* e descobri que esses livros tinham evoluído no Brasil, onde tinha sido mantido o nome original *Fighting Fantasy*. A editora era a Jambo e através de alguns contactos lá consegui o *e-mail* do editor chefe Guilherme Del Svaldi. Enviei-lhe um *e-mail* mostrando o meu interesse e quiçá a possibilidade de edição da nova versão. O editor da Jambo foi fantástico, informou-me de tudo (ainda que mesmo que a proposta fosse para a frente, a compra não fosse feita à Jambo mas sim à editora original, Wizard Books, uma editora inglesa). Enviou-me os valores de vendas, exemplares dos novos livros, falou-me do sistema de jogo, etc. Falei com a doutora Marta acerca do assunto mas apenas por curiosidade, trazer este tipo de livros para Portugal seria uma revolução que tinha muita probabilidade de resultar em fracasso (embora tenha sido um sucesso nos anos noventa, o povo português, ao contrário do brasileiro, não tem a mesma tradição deste tipo de jogos). Para meu espanto, a doutora Marta pareceu interessada mas os números não favoreciam nem mesmo no Brasil. Mesmo assim mantive-me em contacto com o editor e trocámos algumas ideias.

10. Direitos de autor de uma capa

Quando uma capa faz jus ao livro e lhe assenta como uma luva, que foi o que aconteceu com o livro *A Guided Tour Through the Museum of Communism* por Slavenka Drakulic, um editor sente-se tentado a aliviar o trabalho dos *designers* e pensar em comprar os direitos da capa. Tive a felicidade de estar presente num destes casos. Digo estar presente porque para além de enviar os *e-mails* que me foram pedidos, neste caso, não passei de um espectador, mas um espectador pode aprender muito se estiver atento.

A capa tem as cores do comunismo e um ratinho no meio da página e é simplesmente maravilhosa, um excelente trabalho de *design*¹⁴. A doutora Marta pediu-me que inquirisse o preço dos direitos à capa, e a resposta revelou um número bastante elevado. Como me foi pedido, respondi informando que o valor era muito acima do nosso orçamento e se poderiam propor um preço melhor. Foi aqui que comecei a aprender, a doutora Marta é de facto uma empresária tanto quanto uma editora, pois o preço baixou consideravelmente mas não o suficiente para satisfazer a editora da Casa das Letras. Agradecemos a proposta mas recusámos. A doutora Marta pediu especificamente aos designers uma capa baseada na original mas que mantivesse a autenticidade. O resultado foi uma capa amarela e vermelha com a silhueta a branco de um rato. Era muito mais simbólica que a original, em que o amarelo e o vermelho tinham sombras e vários tons e o rato era mais que uma silhueta, mas era uma bonita capa. Uma capa que tinha deixado toda a gente satisfeita, incluindo-me a mim, mas não o minucioso olho treinado da doutora Marta Ramires. Não era bem aquele tom de vermelho e de amarelo que ela queria. E foi aqui que vi a autoconfiança que um editor chefe tem de ter nas suas ideias. Apesar de todos os que viam a capa opinarem positivamente, ela não mudou de opinião e quando lhe inquiri porquê, ela respondeu-me que as cores que estavam no computador não eram iguais às do papel, e que a imagem teria de ser escurecida para

¹⁴ Ver Anexo X.

corrigir esta anomalia. Os designers procederam à alteração e quando impressa e comparada com a anterior, a capa tinha uma nova harmonia, como se a primeira fosse um esboço tosco ou um erro de gráfica.

A persistência e visão de uma pessoa confiante na sua ideia tinham dado à editora, sem retirar qualquer mérito aos *designers*, uma capa bastante harmoniosa que captava a essência da original e poupando à editora mais de um milhar de euros, e esta foi mais uma valiosa lição para mim.

11. A Feira de Frankfurt

Desde 1949, patrocinado pela Associação do Comércio de Livro Alemão, que a Feira de Frankfurt é o maior encontro mundial do setor editorial tendo lugar, obviamente, em Frankfurt, na Alemanha. O evento homenageia sempre a literatura de um país específico em cada ano, tendo Portugal tido o seu lugar em 1997.

Gostaria de ter tido um papel mais interessante nesta época que foi um frenesim para toda a editora. Todos trabalhavam ao dobro do ritmo para preparar a máquina que é a editora para quando muitas das suas engrenagens principais estivessem fora. Nesta altura levava diariamente trabalho para casa inclusive aos fins de semana e nem assim parecia dar conta do assunto. Tinha de continuar, e acelerar, o trabalho normal do dia a dia e lidar com as dezenas de catálogos¹⁵ que me eram enviados pelos agentes e editores que teriam os seus livros expostos na feira. A rotina semanal de apresentação de listas de livros de possível interesse para editora, passaram a ser diárias. Não havia tempo para pedir exemplares, de modo que simplesmente dava a conhecer aos agentes e editores, o interesse da Casa das Letras nos títulos que escolhíamos dos catálogos, baseando-nos apenas nas pequenas descrições dos mesmos. A doutora Marta estava extremamente ocupada com todos os preparativos e tarefas que tinha de finalizar, e com o envio do nosso próprio catálogo para os agentes. Não basta enviar, há que sugerir as escolhas certas às editoras certas para poupar tempo a quem lê, ou corre-se o risco de não dar tempo aos editores para os lerem, tendo em conta a quantidade de catálogos que todos eles estariam a receber na altura. Foi com entusiasmo e dedicação que tentei preparar o melhor possível um documento auxiliar que contemplasse todos os livros em que mostráramos interesse, bem como alguns nomes de pessoas que tinham interesse em conhecer a doutora Marta.

Os catálogos continuavam a chover e os fins de semana eram passados num mar deles. Ouve alturas em que já não conseguia confiar no meu julgamento, a cabeça

¹⁵ Ver Anexo XI

estava cheia e já não tinha a certeza de estar a seguir um plano que contemplasse todos os parâmetros que devem ser tidos em conta na escolha de um livro. A constante pressão de não deixar os valiosos contactos sem resposta não ajudava, não só os que tinham enviado catálogos mas também os que não se haviam manifestado, lembrando que estaríamos lá e que esperávamos encontrá-los, e a escolha de prioridades tornara-se difícil. Havia prazos a cumprir também na entrega das revisões, e o tempo atraçoava-me. Finalmente, ainda que com muitas leituras na diagonal, concluí a leitura de catálogos e quando retomei o ritmo normal de trabalho, parecia ter entrado num novo estado de competência, tudo me parecia mais exequível.

Infelizmente, a minha participação na Feira de Frankfurt não se estendeu para além disto. A semana sem a doutora Marta no escritório parecia muito tranquila, como se o trabalho tivesse acalmado, mas sabia que a verdade era outra, a caixa de *e-mails* da editora chefe estaria certamente cheia e a crescer constantemente. Por muitos preparativos que tivessem sido feitos, era impossível manter o ritmo sem as peças mais essenciais.

Quando a Feira terminou e os editores regressaram à Leya, tive noção de que a doutora Marta tinha mais trabalho agora do que antes da partida. Tinha de organizar e escolher os livros em que realmente estava interessada, organizar toda a informação a que tinha sido exposta em Frankfurt, e ainda lidar com uma semana de trabalho acumulado. Era frequente sair tarde e entrar cedo e compreendi que não seria a melhor altura para a importunar com questões acerca do evento, de modo que me resumi ao meu trabalho e a alguma proatividade em algumas horas menos trabalhosas que surgiam agora devido à acumulação de trabalho da doutora Marta que a impedia de me acompanhar do mesmo modo.

Mais uma vez, a minha curta estadia prejudicou-me, não me permitindo saber que frutos deu a Feira de Frankfurt.

12. Trabalho de escritório

Sei que muitos dos meus colegas tiveram a hipótese de trabalhar com maior dedicação na revisão de textos e na aprendizagem de técnicas neste âmbito. No entanto a Leya é uma empresa de uma magnitude que exige dos seus editores um trabalho de escritório constante.

Todo o tipo de tarefas simples têm de ser levadas a cabo pelos membros intervenientes na editora, e esse trabalho diário é muitas vezes imprevisível, é tanto possível passar um dia tranquilo entre os textos como ser constantemente interrompido por trabalho mais técnico que não convém deixar acumular. Este trabalho passa por inúmeras tarefas.

Requisição de livros através do sistema SAP para as mais diversas razões, seja pela necessidade de um exemplar para trabalho, ou para envio para os tradutores após o trabalho completo (têm direito, por norma, a dois exemplares), etc.

Envio de pagamento aos tradutores, que implica a contagem de carateres de uma tradução. Para tal é utilizada uma fórmula muito simples, um livro da Casa das Letras, numa formatação normal, tem mil e oitocentos carateres. Assim sendo, verifica-se no documento traduzido o número de carateres (incluindo espaços em branco) divide-se o valor por mil e oitocentos e obtemos o número de páginas. Depois basta multiplicar o valor pelo preço por página pago a determinado tradutor, que pode ser consultado na lista de tradutores ou, para uma maior certeza de cada caso específico, no contracto de tradução¹⁶ (em média, oito euros por página, este valor pode oscilar ligeiramente, entre sete euros e meio e oito euros e meio, dependendo da experiência e confiança no tradutor, ou da língua da qual é traduzido, e em certos casos atinge os nove euros, quando se trata de um nome conhecido do público, como é o caso de José Luís Peixoto, ou quando se trata da tradução da língua nipónica, pois existe um pequeno número de tradutores com os quais se pode contar; no caso dos

¹⁶ Ver Anexo XII.

livros técnicos, este valor pode atingir os dez euros por página). É também necessário consultar o contracto para verificação da existência de um teto, acordado previamente. Compara-se os valores obtidos com os do tradutor, que estão geralmente em conformidade. Finalmente envio os dados à Fátima Fernandes que para além de ozalides, trata dos recibos.

Existe também a necessidade de elaborar, registar e arquivar contractos, basta seguir o modelo predefinido e alterar as cláusulas para as que foram acordadas com tradutores, editores, ilustradores, dependendo do caso. Apenas por uma vez tive o prazer de, para além de elaborar o contracto, marcar uma reunião com o tradutor para discutir os termos e proceder então às assinaturas necessárias. Tratava-se do livro *Lover Enshrined*, sequência de *Lover Avenged* do qual já falei antes, e a tradutora foi Dina Antunes.

O envio de correio também é algo banal que acontece quase todos os dias. Geralmente este envio é de livros. Quer seja para enviar originais a tradutores para que estes possam começar o seu trabalho, quer sejam ofertas a editores ou mesmo escritores, o reenvio de originais de volta ao escritor ou, como chegou a acontecer, o envio de livros de receitas para vários restaurantes que considerariam a hipótese de usar as receitas presentes nos livros e promover os mesmos. Também faz parte da rotina, todas as manhãs, ir à receção perguntar se há correio para a Oficina do Livro, esta tarefa não era realizada sempre pela mesma pessoa. O sentimento da chegada de um exemplar físico ainda embrulhado à nossa secretária é sempre prazeroso, especialmente quando ansiamos pelo livro com mais do que interesse profissional.

Um outro trabalho de escritório muito ingrato é ter de escrever cartas com um formato predefinido, o que torna tudo ainda mais frio, a declinar um texto original de um autor mas incentivando-o a continuar a tentar.

Sempre que se decide traduzir um livro e o contacto com a editora do país de origem é assinado, é necessário verificar se o livro possui glossário, algum tipo de ilustrações, ou outras particularidades. Existe uma tabela na qual registamos a existência ou não destas componentes e, em caso positivo, se já as temos na nossa posse ou não. Para não atrasar a produção do livro, devemos insistir para que o material nos seja enviado o mais rapidamente possível e manter o quadro atualizado.

Acredito que estes sejam os pontos mais fulcrais do trabalho de escritório que me foi incumbido para manter o funcionamento da editora. Trabalhos que, embora óbvios, não me passaram pela cabeça antes de entrar na editora pela primeira vez e que me confundiam no princípio, obrigando-me a anotações sobre em que quadro se apontava o quê ou onde se verifica a disponibilidade ou estado de materiais necessários. No entanto, não demorou muito a que interiorizasse estas ferramentas como algo de útil e instintivo, ao invés de algo complexo e confuso.

13. Conclusão: Editor 24/7

Foi com empenho e vontade de aprender que me dediquei à Leya durante o período de estágio. O meu intuito desde o primeiro dia foi o de assimilar tanta informação quanto possível acerca das tarefas de um editor, mesmo que de uma forma muito rudimentar no que diz respeito a algumas tarefas, e refletir sobre as mesmas de um modo mais ordenado. Tanto a cada dia desta experiência como nas posteriores reflexões, apercebi-me de que ser editor não é apenas um emprego mas um modo de viver. Desde que se veste a pele, tudo passa a girar em torno do livro, não apenas do objeto mas da atmosfera que o rodeia de um modo muito amplo que vive em paralelo com todas as áreas imagináveis. Espera-se de um editor, não apenas uma boa escolha de livros que integrem a linha editorial da sua editora mas também que seja um indivíduo social ativo, direcionado para o cargo que ocupa, um avaliador confiante das suas decisões, quer em termos de conteúdo, *design*, e até mesmo de competências pessoais, um constante informado da atualidade e das tendências de mercado que o rodeiam, um argumentador sólido, capaz de defender as suas opções e pronto a arcar com as consequências quando as coisas correm mal e nunca reclamar os louros de quando estas correm bem, pois está apenas a cumprir o seu dever. Um editor deve ser alguém que se orgulhe das suas vitórias mas que não espere reconhecimento do público por elas, pois o seu nome aparece na ficha técnica de um modo tímido, ao contrário do destaque dado ao tradutor, ilustrador, e principalmente ao autor. Espera-se ainda que o editor continue a ser um leitor comum, de modo a conseguir entrar numa livraria e absorver do ponto de vista do público o que nela se passa.

É difícil concentrar-me numa evolução estruturada, pois a minha formação prática foi breve e falar em “primeiros passos” é algo que se refere a um breve período de dias. Nesses primeiros dias o trabalho apresentou-se complexo mas mecânico, uma revisão, uma opinião. Percebi então que cabe ao assistente editorial (neste caso) tomar iniciativa e tornar-se mais ativo nas atividades em torno do livro. Isto atinge-se através da paixão. Quando existe uma entrega ao trabalho, o próprio indivíduo deseja

saber o rumo que o projeto está a tomar e persegue-o tanto quanto a complexidade de tarefas o permite.

Na breve hora de almoço de um editor, as conversas que se gerem são sobre o trabalho mas não de uma forma negativa ou aborrecida, são discussões apaixonadas de ideias e problemas que se enfrentam. É também uma maneira de saber o que se passa nas outras casas editoriais que integram o grupo Leya. Tive a sorte de almoçar quase todos os dias com um leque de pessoas que ocupam cargos que faziam da hora de almoço um suplemento à minha formação, ainda que de uma forma divertida: João Tibério, assistente editorial da Dom Quixote, que integrou a equipa de uma forma muito semelhante à minha, através de um estágio curricular na Oficina do Livro, que sempre se mostrou prestável para esclarecer todas as minhas dúvidas e curiosidades; O *designer* Carlos Miranda, que teve a paciência de ouvir e responder às minhas questões sobre o seu trabalho; e Paula Neves, do departamento de *marketing*, que me ajudou a superar a falta de empatia que sentia pelo seu setor, explicando-me a importância do mesmo. Estes almoços foram também uma maneira de perceber quem é quem e quem faz o quê na empresa, dado que estes prestáveis colegas perdiam tempo das suas horas de almoço para me indicar as funções daqueles que se encontravam diariamente no restaurante do Grupo Leya.

É bastante natural um editor deixar o edifício depois das horas previstas por escolha própria, por vontade de enviar mais este ou aquele *e-mail*, ou para não quebrar um ambiente favorável a uma revisão quase terminada. Quando saía do escritório para pegar no carro, já no trajeto para casa pensava com ansiedade nas respostas que teria no dia seguinte quanto a livros pedidos, envio de imagens e traduções, etc. Os meus passatempos foram substituídos pelas revisões ou leitura de catálogos, sempre que abria o computador em casa, abria *site* da Amazon, os *sites* das mais importantes editoras portuguesas, e outros semelhantes. A leitura, antes de dormir, passou a contemplar apenas livros que me tinham sido enviados por editoras estrangeiras para apreciação.

À sexta-feira, quando a maioria dos trabalhadores se prepara para o fim de semana, era frequente ponderar sobre quais os lançamentos que seriam feitos no fim de semana, de modo a poder estar presente nos mesmos.

Ao ver o cartaz de cinema, procurava saber de imediato que filmes tinham sido adaptados de livros, ao entrar numa FNAC era inevitável procurar os livros da Casa das Letras, ver onde se encontravam, se estavam destacados, e até mesmo se os leitores pegavam neles. Anotava as notícias mais importantes de modo a ter uma ideia da atualidade social, que se reflete sempre no mercado do livro. Cheguei mesmo a interessar-me por alguns artigos sobre *marketing* e *design*, de modo a ter uma opinião mais estruturada nestas áreas.

Esta é a minha experiência como estagiário de assistente editorial, mas tive oportunidade de me aperceber que, como melhor exemplo possível, a doutora Marta Ramires tem a sua vida bem mais preenchida pela paixão ao trabalho que desempenha, e que a sua capacidade de assimilação de informação está formatada para um rápido processamento nesta área.

Espera-se de um editor um outro fator que não há ciência que explique, uma apurada intuição para a função. Tal, posso concluir, pode apenas ser alcançado com anos de dedicação e de paixão pela edição, e mesmo assim não é algo certo.

Estou desde a minha saída, à espera de uma resposta do Grupo Leya quanto ao meu destino na Casa das Letras, pois a doutora Marta pediu à administração que me admitisse mas dada a crise vivida no país não será fácil. Para piorar este panorama, o início do novo ano trouxe consigo as dezenas de despedimentos que ocorreram no grupo Leya e a minha esperança diminuiu¹⁷.

Ser editor é sê-lo vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

¹⁷ Recebi recentemente a triste notícia de que a decisão foi tomada e é negativa, não ficarei na Casa das Letras.

Bibliografia

ANSELMO, Artur, *História da edição em Portugal*, Lello & Imrão, Porto, 1991

BAZLEN, Roberto, *Lettres Éditoriales, Le Passeur*, Nantes, 1999

BRASÃO, Inês, *Comunidades de Leitura*, Colibri, Lisboa, 2009

CALVINO, Ítalo, *Porquê ler os Clássicos?* Lisboa, Editorial Teorema, 1994

FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean, *O aparecimento do livro*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000

FURTADO, José Afonso, *Os livros e as leituras*, Livros e Leituras Lda. Lisboa, 2000

MANGUEL, Alberto, *Uma história da leitura*, Presença, Lisboa, 1999

SPRIGE, Sir Samuel Squire, *Methods of Publishing*, Henry Glaisner, London, 1891

STEINER, George, *Depois de Babel*, Relógio d'Água, Lisboa, 2002

Anexos

Anexo I
Alice no País das Maravilhas

LEWIS CARROLL

ALICE

NO PAÍS DAS MARAVILHAS



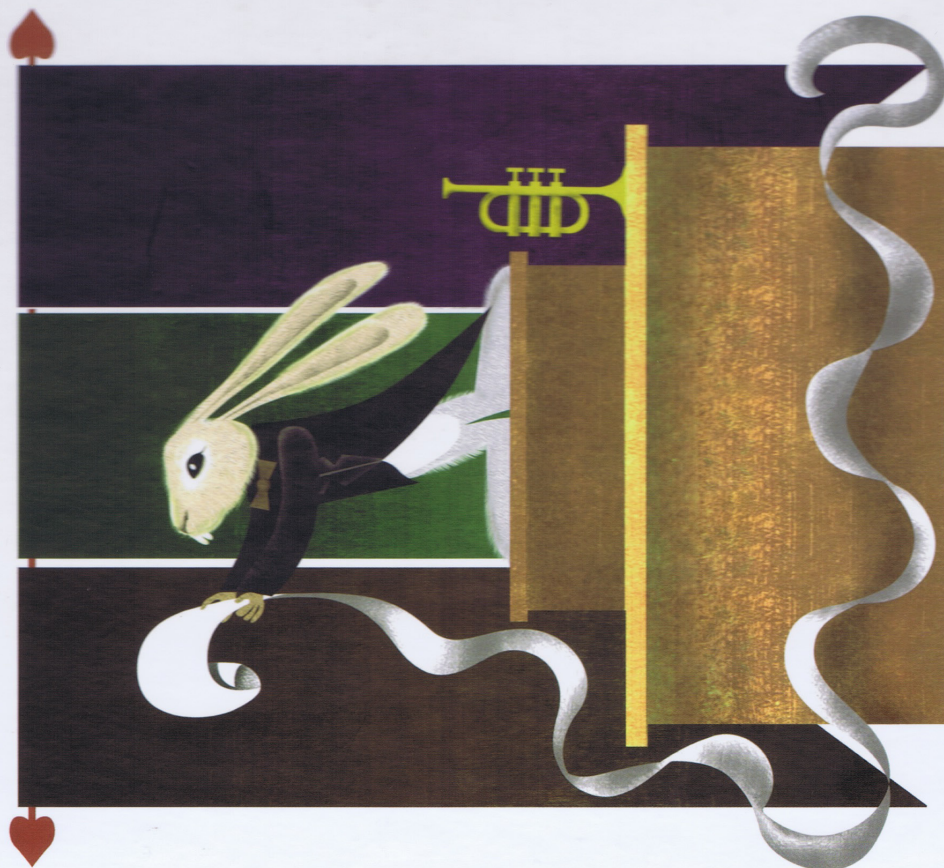
ILUSTRAÇÕES
TIAGO ALBUQUERQUE
ADRIANO LAMEIRA

LEWIS CARROLL



ALICE

NO PAÍS DAS MARAVILHAS



Quem não se lembra do Coelho Branco, do Gato de Cheshire, da Lebre de Março, do Chapeleiro Maluco, da Rainha de Copas... e da incontornável Alice...? As personagens que Lewis Carroll imortalizou num clássico único para todas as idades.

Viaje pelo mundo da imaginação e do *nonsense* onde tudo é possível!

		<p>ISBN 978-972-46-2054-1</p> <p>9 789724 620541</p>
<p>www.leya.com</p>	<p>www.casadasletras.leya.com</p>	<p>Ficção Literária</p>

– A quatro.

– Dois dias atrasado! – disse o Chapeleiro com um suspiro. – Bem te disse que a manteiga não lhe faria bem! – acrescentou, lançando à Lebre de Março um olhar furibundo.

– Era manteiga da *melhor* qualidade – respondeu a Lebre de Março com brandura.

– Sim, mas também devem ter entrado migalhas lá para dentro – resmungou o Chapeleiro. – Não devias ter usado a face do pão.

A Lebre de Março pegou no relógio e olhou-o com um ar tristonho. Depois, mergulhou-o na chávena cheia de chá e voltou a olhar para ele. Mas não sabia dizer mais nada senão repetir:

– Era manteiga da *melhor* qualidade.

Alice estivera a observar o relógio por cima do seu ombro, com alguma curiosidade.

– Que relógio tão engraçado! – comentou. – Indica o dia do mês mas não indica as horas!

– Porque haveria de o fazer? – disse o Chapeleiro entre dentes. – O *teu* relógio indica o ano em que estamos?

– Claro que não – respondeu Alice muito depressa –, mas isso é porque um ano dura muito tempo.

– O que é exatamente o caso do *meu* – disse o Chapeleiro.

Alice sentiu-se terrivelmente confusa. O comentário do Chapeleiro parecia não ter qualquer significado e, contudo, ele não dissera nenhuma palavra errada.

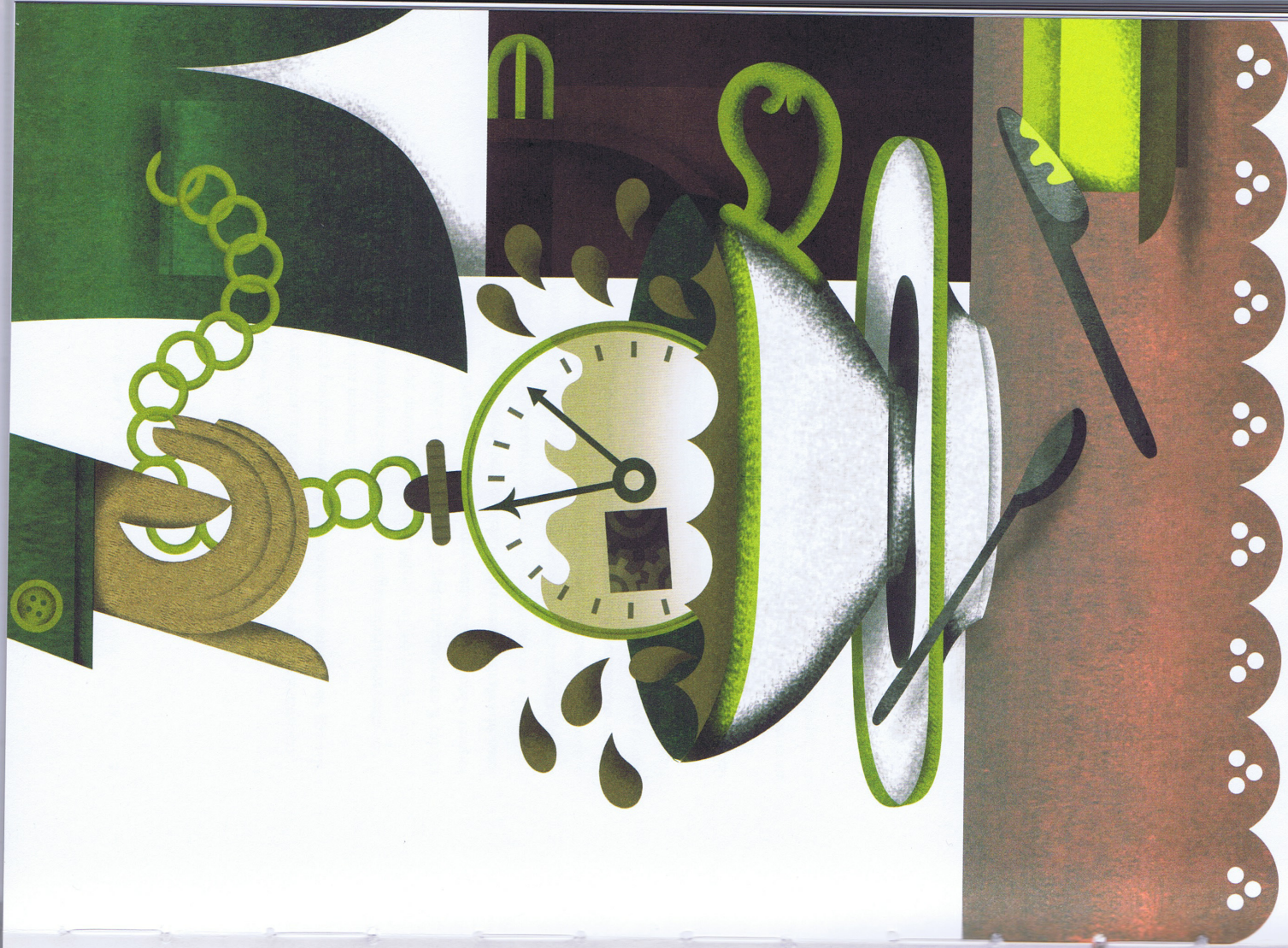
– Não te percebo muito bem – disse Alice, com toda a delicadeza que lhe foi possível.

– O Arganaz está a dormir outra vez – disse o Chapeleiro despejando-lhe um pouco de chá quente em cima do nariz.

O Arganaz abanou a cabeça, impaciente, e disse, sem abrir os olhos:

– Claro! Claro! Era mesmo o que eu ia dizer.

– Já sabes a resposta da adivinha? – perguntou o Chapeleiro voltando-se de novo para Alice.



«A Rainha de Copas fez umas tortas

Num dia de verão.

O Válete de Copas roubou-lhe as tortas.

Grande glúião!»

– Considerem o vosso veredicto – disse o Rei, dirigindo-se aos jurados.
– Ainda não! Ainda não! – apressou-se a interromper o Coelho Branco.
– Há ainda muita coisa a fazer antes disso!

– Chamem a primeira testemunha – disse o Rei.

O Coelho Branco deu três toques de clarim e exclamou:

– Apresente-se a primeira testemunha!

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Vinha com uma chávena de chá numa mão e um bocado de pão com manteiga na outra.

– Peço desculpa a Vossa Majestade por trazer isto, mas ainda não tinha acabado de beber o chá quando fui convocado.

– Devias tê-lo acabado – disse o Rei. – Quando começaste?

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março que o seguira até ao tribunal, de braço dado com o Arganaz.

– No dia catorze de março, segundo creio – respondeu.

– Quinze – corrigiu a Lebre de Março.

– Dezasseis – acrescentou o Arganaz.

– Escrevam isso – ordenou o Rei aos jurados.

Estes, muito zelosos, apontaram as três datas nas lousas e depois somaram os algarismos. Deste modo as datas ficaram reduzidas a uns quantos xelins.

– Tira o teu chapéu! – disse o Rei ao Chapeleiro.

– Não é meu – respondeu o Chapeleiro.

– *Roubado!* – exclamou o Rei, voltando-se para os jurados que no mesmo instante anotaram o facto.

– Eu vendo chapéus – explicou o Chapeleiro. – Não tenho nenhum que seja meu. Sou chapeleiro.

Nesta altura, a Rainha pôs os óculos e começou a mirar o Chapeleiro, que empalideceu e começou a mostrar-se inquieto.



Anexo II

Revisão do livro *Percy Jackson,*
Batalha no Labirinto

Rendix trece
Dedolo Por tio
con me suscula ho
ORIGINAL.

eliminate Virgule?
troca ordon?

A BATALHA DO LABIRINTO

Tradução de Dina Antunes

ÍNDICE

1. Luto Contra um Esquadrão de Chefes de Claque
2. O Mundo dos Mortos Prega-me uma Partida
3. Jogamos à Apanhada Com Escorpiões
4. A Annabeth Quebra as Regras
5. O Nico Compra Happy Meals para os Mortos
6. Conhecemos o Deus com Duas Caras
7. O Tyson Lidera a Fuga da Prisão
8. Visitamos um Rancho Muito Original
9. Apanho Cocó de Cavalo
10. Jogamos aos Enigmas
11. Tomo Banho de Lava
12. Tiro Férias Definitivas
13. Contratamos um Novo Guia
14. O Meu Irmão Luta Comigo até à Morte
15. Roubamos Umas Asas Um Pouco Usadas
16. Abro um Caixaão
17. O Deus Perdido Fala
18. O Grover Provoca uma Debandada
19. O Conselho Fica Dividido
20. A Minha Festa de Aniversário Corre Mal

moda ho
documenta
(Fóter Basca)

Com Moos
er

Cem - Moos

espaço de Banach

Capítulo 1

LUTO CONTRA UM ESQUADRÃO DE CHEFES DE CLAQUE

A última coisa que eu queria fazer nas minhas férias de verão era explodir outra escola. Mas ali estava eu, segunda-feira de manhã, na primeira semana de junho, sentando no carro da minha mãe, frente à Escola Secundária Goode, na Rua East 81.

A Goode ocupava um edifício de pedra grande e castanho com vista para o East River. Havia uma série de *BMW*s e outros carros de luxo estacionados à porta. Contemplando a extravagante arcada de pedra, questionei-me quanto tempo demoraria a ser expulso dali.

— Tem calma. — A minha mãe não parecia nada calma. — É apenas a apresentação. E lembra-te, querido, esta é a escola do Paul. Por isso, tenta não... não... tu sabes.

— Destruir nada?

— Sim.

precia nada calma. — É apenas a
do Paul. Por isso, tenta não... não...

Conte' \rightarrow Conte' \rightarrow $\begin{cases} \text{L'ordre de la structure} \\ \text{ou type de structure} \end{cases}$

retalhou o poste com as suas espadas, reduzindo-o a nada. O veneno pingava para o chão, amontoando-se aos seus pés e fumegando no cimento.

O Tyson saltou para trás quando o cabelo da Campé chicoteou e sibilou e as víboras em redor das suas pernas projetaram as suas línguas bifurcadas em todas as direções. Um leão rugiu na junção da cintura com as pernas.

Enquanto corríamos de volta para os blocos de celas, a última coisa que vi foi o Tyson a pegar numa barraca de gelados e a atirá-la à Campé. O gelado e o veneno saltaram para todo o lado, as pequenas cobras no cabelo do monstro cobertas com os vários sabores. Precipitamo-nos de volta para o pátio.

— Não consigo correr mais — bufou Briareu.

— O Tyson está a arriscar a vida dele para te ajudar! — gritei-lhe. — Vais conseguir.

Quando alcançámos a porta do bloco das celas, escutei um rugido furioso. Olhei para trás e vi o Tyson a correr na nossa direção a toda a velocidade. A Campé seguia-o, coberta de gelado e *T-shirts*. Uma das cabeças de urso na sua cintura estava agora a usar uns óculos de sol de plástico todos tortos.

— Depressa! — incitou a Annabeth, como se eu precisasse.

Encontrámos finalmente a cela por onde tínhamos entrado, mas a parede de trás estava completamente lisa — nem sinal do pedregulho.

— Procurem a marca! — pediu a Annabeth.

— Aqui! — O Grover tocou numa saliência e esta transformou-se no Δ grego. A marca de Dédalo brilhou a azul e a parede de pedra abriu.

Demasiado lento. O Tyson atravessava agora o bloco de celas, as espadas da Campé a agitarem-se atrás dele, retalhando barras de ferro e paredes de pedra.

Empurrei o Briareu para o interior do labirinto e depois a Annabeth e o Grover.

— Tu consegues! — gritei ao Tyson. ? (não o conseguiria)

Mas de imediato percebi que não seria. O monstro estava rapidamente a ganhar terreno. Levantou as cimitarras. Precisava de uma diversão — algo grande. Toquei no meu relógio e este transformou-se num escudo de bronze. Em desespero, atirei-o à cara do monstro.

TRÁS! O escudo acertou-lhe em cheio na cara e ela desequilibrou-se o tempo suficiente para o Tyson mergulhar para o interior do labirinto. Eu estava mesmo atrás dele.

A Campé atacou, mas era demasiado tarde. A porta de pedra fechou-se e a sua magia encerrou-nos do outro lado. Sentia todo o túnel tremer à medida que o monstro batia na parede, rugindo de fúria. Não ficámos ali para ver se conseguia ou não rebentar a pedra. Corremos em direção à escuridão e, pela primeira vez (e última), sentia-me satisfeito por estar de volta ao Labirinto.

Capítulo 8

VISITAMOS UM RANCHO MUITO ORIGINAL

Parámos por fim numa sala cheia de cascatas. O chão era um enorme fosso, rodeado por um passadiço de pedra escorregadio. À nossa volta, nas quatro paredes, jorrava água de tubos gigantescos. A água caía no fosso e, mesmo quando apontei a luz da lanterna, não consegui avistar o fundo.

Briareu encostou-se à parede. Apanhou água com uma dúzia de mãos e lavou o rosto.

— Este fosso vai direto para o Tártaro — murmurou. — Eu devia saltar e poupar-vos o trabalho.

Anexo III

Exemplo do *software Lince*



1. **Apresentação**
2. Escolher os ficheiros
3. Escolher o destino
4. Converter

LINCE - ferramenta de conversão de texto para o Acordo Ortográfico

Verifique se tem a última versão do Lince. Na barra de topo, acima dos menus, deve estar *Lince (1.2.12)*. Se a versão da sua aplicação não é esta, por favor transfira e instale a nova clicando [aqui](#).

O Lince é uma ferramenta que converte o conteúdo de ficheiros de texto para a grafia determinada pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, aplicado recentemente.

O programa suporta os formatos DOC, DOCX, ODT, HTML, XML, RTF, PDF e TXT e pode converter vários ficheiros de grande dimensão em simultâneo.

O objetivo do Lince é permitir uma rápida adaptação às novas regras, facilitando a atualização ortográfica de grandes volumes de texto.

O Lince foi desenvolvido de modo a servir igualmente o interesse do público em geral e de utilizadores especializados. Por isso, integra uma área de *opções avançadas* que possibilita algumas configurações.

Para conhecer melhor o funcionamento do Lince, consulte a *ajuda*.

Este programa foi desenvolvido pelo [ILTEC](#), no âmbito do Vocabulário Ortográfico do Português, financiado pelo Fundo da Língua Portuguesa. Para mais informações sobre o projeto, consulte o [Portal da Língua Portuguesa](#). Caso encontre um problema ou tenha alguma dúvida, [escreva-nos](#).

Formatos suportados:

- DOC e DOCX - documentos do Microsoft Word
- HTML - páginas *web*
- ODT - documentos do OpenOffice.org
- PDF - formato de documento portátil (resulta num ficheiro HTML sem formatação)
- RTF - formato de texto rico
- TXT - documentos de texto simples
- XML - linguagem de marcação
- Qualquer formato de texto simples
- Qualquer formato de texto etiquetado



Não mostrar novamente este ecrã ☐

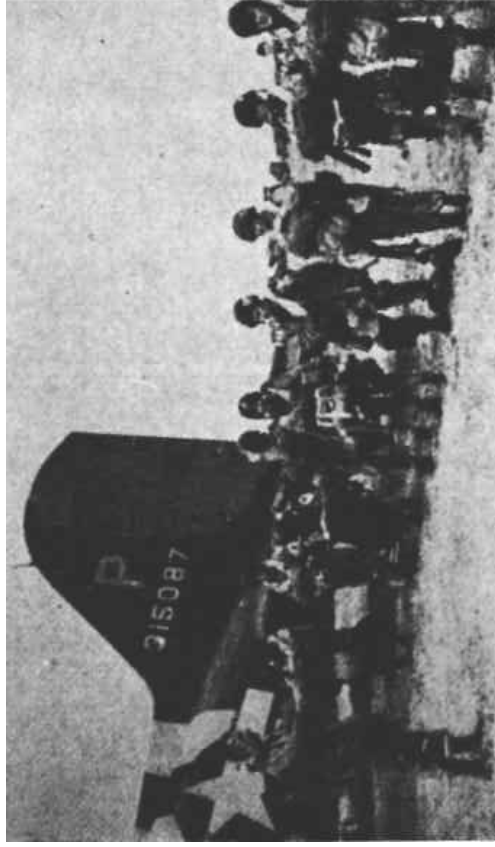
Opções Avançadas...

< Anterior

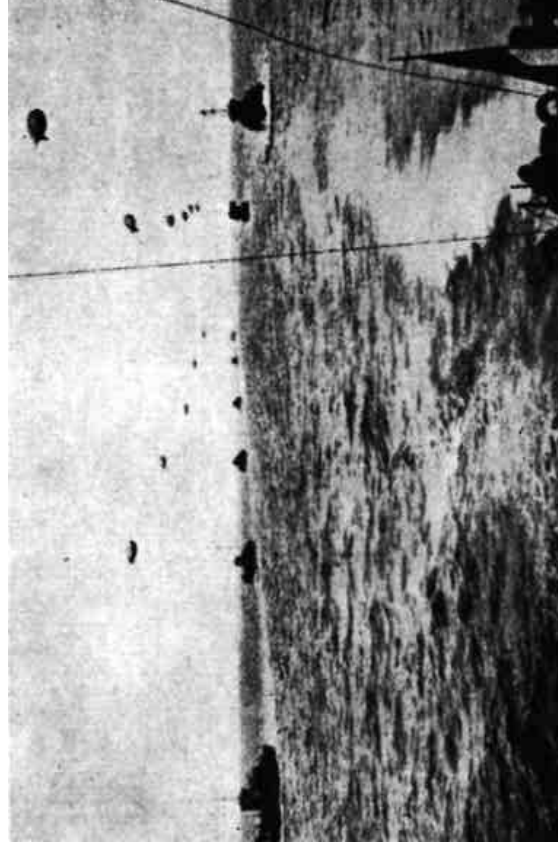
Seguinte >

Converter

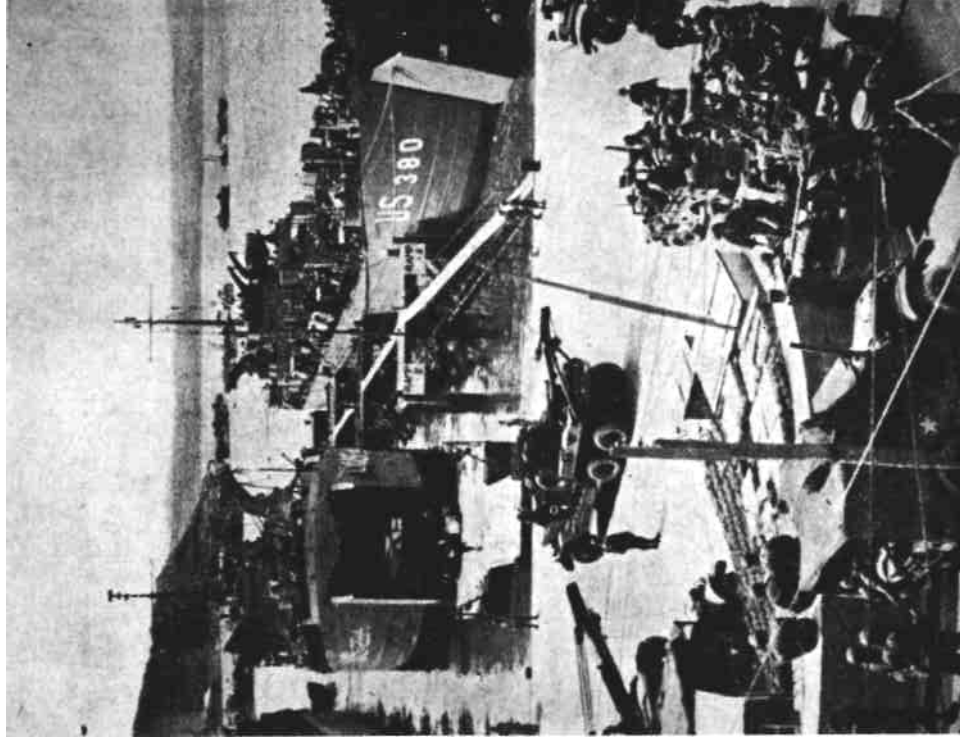
Anexo IV
Fotografias do livro *O Dia Mais Longo*



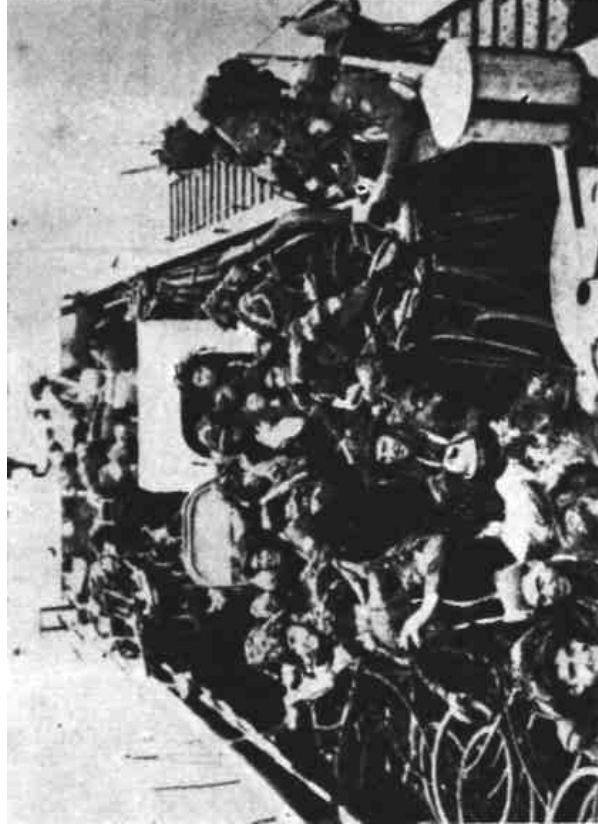
Destino Normandia. *Em cima*, um pelotão de pára-quedistas da 101.^a Divisão procede às últimas verificações antes de subir a bordo do DC 3. *Embaixo*, os comboios, protegidos pela barragem de balões cativos e por uma escolta de *destroyers*, dirigem-se às praias. (Wide World)



comprimento por doze de largura na região dos dedos e seis no calcanhar. Um território muito vasto só para treze mil homens e que devia ser ocupado em menos de cinco horas.



Tropas e veículos a serem embarcados para três batelões de desembarque, em Brixham. De notar as plataformas rígidas destinadas a facilitar o embarque das pequenas embarcações de desembarque.



Em cima: Tropas canadenses comprimidas num batelão de desembarque que se dirige para Juno Beach. Na esquerda da fotografia vêem-se as bicicletas desmontáveis. *Embaixo:* Alguns homens da 4.^a Divisão dos Estados Unidos avançam na água em direção a Utah Beach.



Um planador *Horsa* que transportava 30 homens, veio despedaçar-se num terreno perto de Sainte-Mère-l'Église, de que pereceram oito soldados.

Na escuridão, sobrecarregados pelo equipamento e muitas vezes incapazes de se livrarem das correias dos pára-quedas, afogaram-se muitos homens, como o soldado em baixo, em menos de um metro de água.

(Coleção do General James M. Gavin)



Anexo V

Exemplo de *e-mail* de resposta a um
pedido de livros

From: Julio F. Yañez Agencia Literaria (S) [<mailto:sandra@yanezag.com>]

Sent: quarta-feira, 2 de Novembro de 2011 12:00

To: Armando Alves

Subject: THE RED VELVET AND ABSINTHE, Mitzi Szereto

Estimado amigo:

Te adjunto aquí el texto que solicitas.

Un saludo.

Sandra

Sandra Biel

JULIO F-YÁÑEZ AGENCIA LITERARIA S.L.

Vía Augusta 139 6º 2º 08021 Barcelona - Spain

sandra@yanezag.com Tf. +34 932 007 107 Fax. +34 932 007 656

----- Original Message -----

Subject: Red Velvet

From: Armando Alves <aalves@leya.com>

Date: Wed, October 19, 2011 6:06 am

To: "cleis@cleispress.com" <cleis@cleispress.com>

Hello,

I've asked before but didn't got an answer. Is the book «Red Velvet and Absinth» available for Portuguese translation? Can I have some material?

My very best,

Armando Alves

Casa das Letras

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide

Portugal

Telefone: 21 427 22 00 – ext. 3165

Fax: 21 427 22 01

E-mail: aalves@leya.com

www.casadasletras.leya.com

Anexo VI
Troca de *e-mails* sobre os livros de
Paul Stewart e Chris Riddell

From: Franca Bernatavicius [mailto:Franca.Bernatavicius@ila-agency.co.uk]
Sent: segunda-feira, 14 de Novembro de 2011 12:00
To: Armando Alves
Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Dear Armando

As promised, here are sales figures up to earlier this year:

BARNABY GRIMES:

Curse of the Night Wolf 22,571
Return of the Emerald Skull 12,859
Legion of the Dead 11,210
Phantom of Blood Alley 6486

FAR-FLUNG ADVENTURES:

Fergus Crane 178,597
Corby Flood 42,644
Hugo Pepper 39,087

All best

Franca

From: Franca Bernatavicius
Sent: 11 November 2011 15:49
To: 'Armando Alves'
Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Dear Armando

The Edge Chronicles in total have sold 3,239,595 copies in the UK, Wyrme-weald is so far up to sales of 34,392 and I'm just in the process of getting sales figures for Barnaby Grimes and Far Flung Adventures for you!

All best

Franca

From: Armando Alves [mailto:aalves@leya.com]
Sent: 11 November 2011 14:52
To: Franca Bernatavicius
Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Yes, please! Please do send me the selling rates.

I'll keep trying for sure! Thank you.

Kind regards,

Armando

From: Franca Bernatavicius [<mailto:Franca.Bernatavicius@ila-agency.co.uk>]

Sent: sexta-feira, 11 de Novembro de 2011 14:37

To: Armando Alves

Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Dear Armando,

Many thanks for giving me such detailed feedback. Do let me know if there is any information (sales figures etc) I could send on that would help you be able to continue with Stewart and Riddell in the future,

All best

Franca

From: Armando Alves [<mailto:aalves@leya.com>]

Sent: 11 November 2011 11:38

To: Franca Bernatavicius

Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Hello Franca,

Unfortunately, the books were refused, in most part because the edge chronicles failed to succeed in Porto Editora. I read them and I loved it, but they published as a children book, and it is much more than that. Now, here, they are afraid to repeat the mistake. But I haven't given up just yet, I really love the books and it would be a dream come true to be the responsible of publishing them in Portugal.

I hope I have a more positive response for you next time we speak, thank you for all.

Yours,

Armando

From: Franca Bernatavicius [<mailto:Franca.Bernatavicius@ila-agency.co.uk>]

Sent: terça-feira, 8 de Novembro de 2011 12:20

To: Armando Alves

Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Dear Armando

I also wanted to follow up my submission of these Stewart and Riddell titles. Have you had time to read them and do you have any thoughts?

All best

Franca

From: Franca Bernatavicius
Sent: 03 October 2011 10:21
To: 'Armando Alves'
Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Dear Armando

Great! I look forward to hearing your thoughts in due course and do let me know if you have any questions.

All best wishes
Franca

From: Armando Alves [<mailto:aalves@leya.com>]
Sent: 30 September 2011 10:36
To: Franca Bernatavicius
Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Hello Franca,

I've just received the books and I am reading them already,

I thank you kindly,

My best regards,

Armando Alves

From: Franca Bernatavicius [<mailto:Franca.Bernatavicius@ila-agency.co.uk>]
Sent: terça-feira, 27 de Setembro de 2011 16:30
To: Armando Alves
Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Dear Armando

I think that you must have emailed me accidentally here as it is Macmillan who will have sent you MUDDLE EARTH!

However, I am glad to let you know that I am sending all three of the Stewart and Riddell series we represent (BARNABY GRIMES, FART FLUNG ADVENTURES & WYRMEWEALD) to you in today's post.

All best wishes

Franca

From: Armando Alves [<mailto:aalves@leya.com>]

Sent: 27 September 2011 14:37

To: Franca Bernatavicius

Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Hello,

I just received Muddle Earth, and I'll read it as fast as possible. Is there any possibility of the Animation to come to Portugal?

Thank you very much, my best regards,

Armando Alves

From: Franca Bernatavicius [<mailto:Franca.Bernatavicius@ila-agency.co.uk>]

Sent: sexta-feira, 16 de Setembro de 2011 16:57

To: Armando Alves

Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Dear Armando,

I'll make sure to order these and send them to you next week.

Rights for MUDDLE EARTH are held by Macmillan. I think that your email will have also been sent to them but you may want to be in contact with them directly.

All best wishes

Franca

From: Armando Alves [<mailto:aalves@leya.com>]

Sent: 16 September 2011 16:54

To: Franca Bernatavicius

Subject: RE: Paul Stewart & Chris Riddell

Hello,

Thank you very much, I would like some finished copy's if that's all right.
Can I also have information about muddle earth?

I really appreciate your kindness,

Thank you again,

A Alves

From: Franca Bernatavicius [<mailto:Franca.Bernatavicius@ila-agency.co.uk>]

Sent: sexta-feira, 16 de Setembro de 2011 16:41

To: Armando Alves

Subject: Paul Stewart & Chris Riddell

Dear Armando

Your messages has been passed on to us at ILA as we look after the foreign rights for the BARNABY GRIMES and the FAR FLUNG series and I am pleased to attach some extra information on both series below:

FAR FLUNG ADVENTURES follows Theo Fergus Crane, who has an almost ordinary life - having lessons taught by rather odd teachers on the school ship Betty Jeanne, helping his mother in the bakery. But then a mysterious flying box appears at the window of his waterfront home - and Fergus is plunged headlong into an exciting adventure! The box is followed by a winged mechanical horse that whisks him off to meet his long-lost uncle and his penguin helpers, Finn, Bill and Jackson. Fergus finds out that his teachers are not quite what they seem - they're actually pirates! Can Fergus and his winged horse save his schoolmates from the far-off Fire Island? And who else will he find there-?

Rights have been sold in the following territories:

UK

US

Bulgaria:

Denmark:

France:

Germany:

Greece:

Italy:

Japan:

Latvia:

Netherlands:

Russia:

BARNABY GRIMES is a tick-tock lad, running errands in his city, day and night, and 'high-stacking' around the rooftops in search of new mysteries to solve. In this first adventure, Barnaby is attacked one night by an enormous dog. He kills it - but that's not the end of this particular mystery . . . as Barnaby finds himself swept up in a world of crooked doctors, poor and ill-advised patients, strange tonics and very expensive furs... Could there be more to the seemingly respectable Dr Cadwallader and the tonics he doles out to the poor? Is there a link between the tonic and the huge dogs - or possibly wolves - that are roaming the city at night? When Barnaby's old acquaintance Benjamin goes missing, Barnaby fears the worst for him, and decides to dig deeper...

This has sold in :

US

UK
DENMARK
FRANCE
GERMANY
RUSSIA
TURKEY

I have attached with further information on the series' and do let me know if you would like to see manuscripts or finished copies.

We also recently sold rights to Stewart and Riddell's most recent trilogy WYMREWEALD to Moderna in Brazil and Patmos in Germany. This is a fantasy trilogy aimed at an older YA audience:

Young pioneer, Micah, enters Wrymeweald full of hope to return home having made his fortune. But this is a land where wyrmes, fabulous dragon-like beasts, roam wild and reign supreme. In Wrymeweald man is both hunter and hunted – and seventeen-year-old Micah may never return alive, let alone a hero...

After a near-brush with death on the edge of a canyon, Micah soon finds a chance to prove his worth when he meets with Eli, a veteran tracker of Wrymeweald. They choose to defend a rare whitewyrme egg and its precious hatchling before it falls into the hands of a band of evil Kith. But the fledgling wyrme has its own guardian in the shape of the beautiful, brave and dangerous Thrace.

Thrace, a Kin and a highly-skilled wyrme rider-assasin; and Micah, a would-be Kith, should never mix - but the magnetism between them is strong. Together they join forces on a mission to rescue the hatchling and seek vengeance for loved-ones lost at the hand of Kith bandits. Meanwhile the glorious whitewyrme colony of Wrymeweald looks on as its land is encroached by gold-diggers and ravaged by bounty hunters. Is Exodus the only option? And if so, when - and where - will they flee too?

I have attached an information sheet and please do let me know if you would like to see the manuscript or a finished copy.

I very much look forward to hearing from you in due course and do let me know if you have any questions.

All best wishes

Franca

Franca Bernatavicius
Intercontinental Literary Agency Ltd.
Centric House
390-391 Strand
London
WC2R 0LT
Tel: 0044 207 379 6611

Fax: 0044 207 240 4724

www.ila-agency.co.uk

-----Original Message-----

From: Armando Alves [mailto:aalves@leya.com]

Sent: Thu 9/15/2011 3:35 PM

To: Fickling, David

Subject: Paul Stewart & Chris Riddell

Hello,

I didn't hear from you this past week and I am really interested in Barnaby Grimes, Mudle Earth and Paul Stewart & Chris Riddell in general.

Can you please give the information about the translating rights to Portugal, some material about the number of books sold, the contrys that hold the rights to publish this authors and some reading material?

Hope to hear from you soon,

My best wishes,

Armando Alves

Casa das Letras

Rua Cidade de Córdoba, nº 2

2610-038 Alfragide

Portugal

Anexo VII
The Dust of 100 Dogs

In the late seventeenth century, famed teenage pirate Emer Morrisey was on the cusp of escaping the pirate life with her one true love and unfathomable riches when she was slain and cursed with the dust of one hundred dogs, dooming her to one hundred lives as a dog before returning to a human body—with her memories intact.

Now she's a contemporary American teenager and all she needs is a shovel and a ride to Jamaica.

"A non-traditional pirate tale with a dangerously raw, mystical edge and a unique modern twist. Deliciously fresh and starkly unforgettable . . ." —**Lisa McMann**, *New York Times* bestselling author of *Wake*

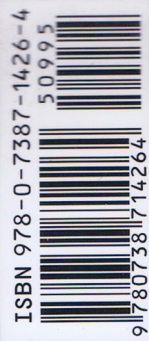
"Sparkling, original, both swashbuckling and contemporary . . . This gripping adventure is sure to be devoured by both teens and adults."
—**Lauren Baratz-Logsted**, author of *Angel's Choice*

flux

www.fluxnow.com
www.facebook.com/FluxBooks

\$9.95 US
\$11.50 CAN

AUTHOR INTERVIEW INSIDE!



THE DUST OF 100 DOGS

KING flux

"Exciting, fascinating, spellbinding.
I'd follow Saffron into the briny deep."
—**Heather Brewer**,
author of *The Chronicles of Vladimir Tod*

THE DUST OF 100 DOGS

A.S.KING

.....
Dog FACT #4
Humming Inanimate Objects
.....

Adolescent dogs, when excited, often mount inanimate objects. This can embarrass owners, and is best controlled by doing something else and not thinking about it.

How many times have we heard a master exclaim, "That dog is simply shameless!" And indeed we are. Shameless and stupid at first. Do you think we *want* to be humping the furniture? Did you want to hump that awkward pimply sophomore in the back of your father's Buick? I doubt it, but you know, everybody has to start somewhere.

Dogs start with whatever is handy. The more there are other dogs around, the less your dog will feel the need to rub his most private parts against your leather sectional. I preferred a more malleable practice partner—a throw rug, a visitor's jacket, children's stuffed toys. That was when I lived in New Hope, Pennsylvania, in the 1960s with the bumper-sticker people. They had a collection that covered every square inch of their two cars and every interior wall of the small Victorian row house we lived in. Even my kennel in the backyard had adhesive slogans plastered all over it. They were fine people, though, aside from their undying need to get a message across.

Afraid I would get pregnant, the sticker freaks kept me locked inside a high chain-link fence and rarely walked me. I humped anything soft I could steal and hide in my house (mostly what I've already mentioned; lots of throw rugs, the rag-rug kind).

It's an instinctual, uncontrollable thing, very similar to

human puberty. There's no real joy in it, but we do it anyway because we have to. Our masters don't like witnessing it, because humans tend to have sexual hang-ups. To them, we seem *shameless and stupid*, which, if you really look at it, is just another way of saying *free and simple*. 🐾

Anexo VIII
Teste de Tradução corrigido por
Cristina Lourenço

Prólogo

Agosto

Choveu o dia todo, no dia do funeral dela. Alguns dos seus amigos apareceram para a cerimónia mas, quando terminou, juntaram-se sob os negros guarda-chuvas a discutir quem seria o próximo. Partiram todos juntos e eu fui a única a ir à cremação.

O crematório era-me familiar do último funeral. Era branco, monótono e terrível ao mesmo tempo. Confrontada com lugares expectantes, sentei-me no meio da primeira fila. Pela primeira vez, não tinha onde me esconder. Estava no mundo.

Um^as semanas antes tinha estado ali para o funeral dele; mas dessa vez tinha-a trazido, segurando-a pela mão e tentando evitar que fizesse comentários inapropriados. Ela gritou qualquer coisa sobre um bebé à medida que o caixão deslizava e não fazia ideia de que se estava a despedir do marido. Eu tomara conta dela. Ela era, mesmo nessa altura, a minha protetora, na sua loucura sem sentido.

Hoje o mundo era novo. As suas arestas mais afiadas. Durante uns desorientadores segundos, senti que estava num palco, que por detrás daquelas paredes falsas estava a escuridão. A realidade era pior que a escuridão: havia um mundo sobre o qual não sabia nada, no qual não tinha lugar. Segurei-me ao banco com ambas as mãos.

Ouvia-se uma música lúgubre e um homem chegou e fingiu que estava a falar para uma sala cheia. Mal ouvi tais trivialidades porque ele não a tinha conhecido, e nada do que pudesse dizer significaria alguma coisa. Tentei nem sequer pensar nela. Fiquei contente por ter decidido que não haveria hinos.

O caixão estava à minha frente. Olhei para ele imaginando o corpo lá dentro, sabendo que deveria chorar algumas lágrimas, nem que fosse para provar ao homem de fato («Joy teve uma vida longa e preenchida») que era mesmo sua neta.

Eu era uma pessoa horrível. Quando comecei a chorar, não consegui parar e ele teve de elevar a voz acima dos soluços para se fazer ouvir. Mas eu sabia que as minhas lágrimas não eram apenas por ela. Eram também por mim própria. As gotas embatiam no chão.

O homem de fato não mencionou as minhas lágrimas. Disse que tinha sido uma mãe amada, sem denotar o facto de que a sua única filha não se dera ao trabalho de aparecer. Ele parecia, no entanto, muito interessado em murmurar as palavras o mais depressa que conseguia e sair pela porta.

clourenco 12/3/30 10:54
Formatted: Justified, Space After: 0 pt, Line spacing: 1.5 lines

clourenco 12/3/30 10:42
Deleted: ndo

clourenco 12/3/30 10:43
Deleted: que foi

clourenco 12/3/30 10:55
Deleted: aborrecido

clourenco 12/3/30 10:44
Deleted: aqui

clourenco 12/3/30 10:45
Deleted: c

clourenco 12/3/30 10:45
Deleted: sombria

clourenco 12/3/30 10:46
Deleted: discorrer

clourenco 12/3/30 10:46
Deleted: “

clourenco 12/3/30 10:46
Deleted: viveu

clourenco 12/3/30 10:46
Deleted: ”

clourenco 12/3/30 10:47
Deleted: a

clourenco 12/3/30 10:47
Deleted: o seu tom de

clourenco 12/3/30 10:47
Deleted: incomodou

clourenco 12/3/30 10:47
Deleted: em

clourenco 12/3/30 10:47
Deleted: tão rápido

clourenco 12/3/30 10:47
Deleted: quanto

Segui pela estrada, dirigindo-me para casa automaticamente. Estava a seguir o conselho do antigo solicitador da família: A casa jria para venda na manhã seguinte, arrumaria as minhas coisas, esperaria que fosse vendida, e depois partiria.

Por esta altura, o meu plano fora abruptamente interrompido. As duas pessoas idosas de quem passara anos a cuidar estavam mortas. Elas haviam sido o meu mundo: não tinha amigos. Sabia que já não tinha família; pelo menos precisava de agir como se não tivesse. Não esperava que eles voltassem por isto. Escrevera-lhes um postal na minha mais cuidada caligrafia com a minha caneta roxa. Tive medo de os assustar, por isso escrevi só isto:

A Joy e o Ken morreram este mês. Por favor voltem para casa por uns tempos.

Enviei-o para a morada que a avó tinha deles, um sítio chamado Mount Eden.

Não o teriam recebido, marcado os voos, e voltado a tempo do funeral. Não contava com isso. Mas tinha esperado que aparecessem nas semanas seguintes, enquanto eu ainda estava na casa de campo.

Talvez yiessem. Não escrevi o meu nome no postal para não os assustar. Mesmo agora, esperava que cada pessoa que via na rua fosse um deles. Vivi e revivi a cena em que apareciam ao virar da esquina, olhavam para mim, olhavam novamente, e sorriam. Acontecia uma e outra vez nos meus sonhos, a dormir e acordada. Reconhecê-los-ia de imediato, cada um deles, e perdoaria tudo em meio segundo.

Caminhei cinco quilómetros até casa debaixo de chuva. Observava as poças de água que se formavam no meu caminho e passava mesmo por dentro delas, ensopando os meus sapatos brancos de ballet. A água escorria-me pela cara. O vestido, que mal tivera tempo de passar a ferro desde o último funeral, agarrava-se ao meu corpo frio e húmido. O cabelo estava molhado, escorrido e colado ao meu pescoço e costas. Cheguei a casa v, completamente ensopada. Estava toda desarranjada mas não importava porque não havia lá ninguém para reparar.

Tinha jdo viver para ali quando era pequena e parecia inconcebível alguma vez pensar em ter outro jar. Era uma casa bonita e aparentemente grande com finas paredes de pedra e uma roseira a trepar pela parede. Havia quatro quartos, três no primeiro andar e um no rés-do-chão, uma grande cozinha com uma mesa e uma sala de estar mobilada com móveis antigos. Tudo era antigo e feito para durar. Um delicioso distorcer do tempo.

Abri a pesada porta de madeira e tentei não olhar para o local ao fundo das escadas onde ambos tinham caído – primeiro ele e depois, fatalmente, ela.

clourenco 12/3/30 10:57
Deleted: de campo

clourenco 12/3/30 10:48
Deleted: e

clourenco 12/3/30 10:48
Deleted: tinham

clourenco 12/3/30 10:48
Deleted: tinha

clourenco 12/3/30 10:48
Deleted: tinha muita esperança

clourenco 12/3/30 10:57
Formatted: Font:Italic

clourenco 12/3/30 10:48
Deleted: ambos

clourenco 12/3/30 10:58
Deleted: e

clourenco 12/3/30 10:49
Deleted: meio-

clourenco 12/3/30 10:49
Deleted: venham

clourenco 12/3/30 10:49
Deleted: meio-

clourenco 12/3/30 10:49
Deleted: no momento

clourenco 12/3/30 10:50
Deleted: à

clourenco 12/3/30 10:50
Deleted: de campo

clourenco 12/3/30 10:50
Deleted: vindo

clourenco 12/3/30 10:50
Deleted: a casa de campo

clourenco 12/3/30 10:50
Deleted: uma criança

clourenco 12/3/30 10:50
Deleted: qualquer

clourenco 12/3/30 10:51
Deleted: lugar como

Quase todas as nossas coisas estavam já arrumadas. Sem dizer a nenhum deles, andara a separá-las por caixas há anos. Nenhum deles subia ao primeiro andar há já muito tempo. Nessa altura, todas as coisas de lá de cima, à excepção do que estava no meu quarto e na casa de banho, tinham sido deitadas fora, dadas para caridade, ou empacotadas. Tinha tanto medo que eles morressem, há tanto tempo, que a única maneira de conter esse terror era fazer horríveis preparativos para o dia em que me encontraria sozinha. Isso fizera com que parecesse menos provável acontecer.

O facto de que ambos iriam morrer, um dia, sempre estivera lá, apesar de nós os três termos existido até ao fim fingindo que continuaríamos assim para sempre. Tinha parecido de mau gosto sequer pensar no que me aconteceria quando eles partissem.

Desde os oito anos que vivia com os meus avós naquela aldeia da Cornualha, Eram tudo para mim, a minha rocha, a minha estabilidade, e amava-os exasperadamente, agarrando-me a eles com força na crença de que não me abandonariam. E agora, finalmente, haviam-no feito. A avó poderia viver ainda por décadas, apesar de ter vindo a perder a lucidez ao longo do ano. Acontecera de repente, inesperadamente, e fora tudo culpa minha. Ela devia ter subido ao primeiro andar durante a noite. Ouvi vagamente um choro e um tombo mas não acordei. Nunca saberia com certeza, mas acreditava de coração que ela vira o primeiro andar da sua casa – o seu velho quarto, o quarto a mais que alojava as suas fabulosas roupas, o quarto da minha mãe quando era criança – vazio e empacotado, antecipando a sua morte, e caíra pelas escadas horrorizada e confusa.

A minha arrumação para me proteger desse momento, provocara-o.

Ao contemplar o mundo para além destas paredes, segurei-me à mesa para me manter de pé. Não tinha a menor ideia do que fazer.

Eu fora uma criança ansiosa e quando viera viver com eles estava impaciente por me adaptar. Aceitei todos os aspectos da vida nesta casa com deleite. Foi apenas aos onze anos que me apercebi que os meus avós eram os excêntricos da aldeia. Quando levava amigos a casa, percebia que o hábito que tinham de andar nus era estranho e aparentemente alarmante e assustador. Não tinham qualquer intenção perversa ao fazê-lo: era apenas a maneira deles, tal como começar cada dia com um copo de água quente com um pedaço de gengibre dentro e recitar um soneto de Shakespeare antes das refeições porque era «melhor que dar graças».

Os meus amigos iam para casa e contavam aos pais acerca da nudez e depois disso ninguém estava autorizado a vir brincar. Tornei-me a Rapariga Estranha. Os avós decaíram lentamente rumo à incapacidade e aos catorze anos tomava conta deles, mais do que eles tomavam conta de mim; ajudando-os a subir as escadas, a manter a casa limpa. Consegui

clourenco 12/3/30 10:51

Deleted: a

clourenco 12/3/30 10:51

Deleted: ções

clourenco 12/3/30 10:51

Deleted: de

clourenco 12/3/30 10:52

Deleted: que tinha

clourenco 12/3/30 10:52

Deleted: vivera

clourenco 12/3/30 10:52

Deleted: avô e a

clourenco 12/3/30 10:52

Deleted: sua casa de campo na aldeia de Cornish

clourenco 12/3/30 11:00

Deleted: segurando

clourenco 12/3/30 11:00

Deleted: e nunca realmente relaxando

clourenco 12/3/30 11:00

Deleted: fizeram

clourenco 12/3/30 11:00

Deleted: e

clourenco 12/3/30 11:01

Deleted: andado a vaguear pelo

clourenco 12/3/30 11:01

Deleted: de cima na

clourenco 12/3/30 11:01

Deleted: devidamente

clourenco 12/3/30 11:01

Deleted: ,

clourenco 12/3/30 11:01

Deleted: m

clourenco 12/3/30 11:02

Deleted: "

clourenco 12/3/30 11:02

Deleted: "

clourenco 12/3/30 11:02

Deleted: A

clourenco 12/3/30 11:02

Deleted: e o avô

clourenco 12/3/30 11:02

Deleted: ndo

cuidar deles, sempre que precisavam, e acabar o secundário o sem grandes problemas, até o avô cair das escadas. Foi o início do fim para ele e marcou o momento em que ambos desistiram.

E agora estavam mortos. Contornei as fadadas tábuas junto às escadas e dirigi-me à cozinha onde pus a chaleira ao lume. Iria levar um dia para arrumar o resto da casa e depois iria vendê-la. Ficaria com o dinheiro, e com os fundos no banco faria alguma coisa.

Oh, pensei, ainda assim. Se ao menos tivesse a menor ideia do que *alguma coisa* poderia ser. A casa estaria à venda por trezentas mil libras. A hipoteca tinha sido paga havia anos. Com esse dinheiro poderia fazer o que quisesse. Já tinha entrado com o pedido para um passaporte por precaução. Era apenas uma questão de perceber o que as pessoas normais faziam, como faziam, e fazê-lo. Era uma simples questão de coragem.

No jardim das traseiras, colhi hortelã do vaso junto à parede. Enxaguei a hortelã na pia de cerâmica e pu-la no bule com uma colher de açúcar, porque nós bebíamos chá de hortelã, em vez de tretas comerciais empestadas de químicos. Bebíamos chá de ervas caseiro, ou café como deve ser, ou água. Aos domingos bebíamos um copo de xerez.

Odiei lá estar sem eles. Não podia continuar ali a viver a vida deles. Estava na hora de seguir a minha vida, como um dos três porquinhos.

Ao derramar a água no bule pintado à mão, permiti-me alguns minutos para contemplar a dura realidade de que a avó e eu nunca nos voltaríamos a sentar em frente à lareira crepitante a pentear o cabelo uma da outra. O avô nunca mais se iria levantar para declamar o solilóquio de Edmund, do *Rei Lear*, terminando com um triunfante: «E agora, ó deuses! do lado dos bastardos!» Outras coisas preencheriam as lacunas deixadas por eles, mas não conseguia imaginar o que poderiam ser.

Estava por minha conta no mundo. Tinha vinte anos, o secundário feito e uma casa bastante considerável em meu nome. Sabia de cor todos os sonetos de Shakespeare, mas não fazia ideia como as pessoas viviam. As mãos tremeram-me ao derramar uma torrente quente de infusão de hortelã. Não havia ninguém para se importar se tinha um pires ou não. Os dias já não seriam passados a lavar, limpar e acompanhar idosos à casa de banho. O tempo estendia-se à minha frente, vazio e desconhecido.

clourenco 12/3/30 11:02

Deleted: a

clourenco 12/3/30 11:03

Deleted: a

clourenco 12/3/30 11:03

Deleted: á

clourenco 12/3/30 11:03

Deleted: á

clourenco 12/3/30 11:04

Deleted: jarro

clourenco 12/3/30 11:04

Deleted: -

clourenco 12/3/30 11:04

Deleted: de

clourenco 12/3/30 11:04

Deleted: aqui

clourenco 12/3/30 11:05

Deleted: "

clourenco 12/3/30 11:06

Deleted: ,

clourenco 12/3/30 11:06

Deleted: amparai

clourenco 12/3/30 11:05

Deleted: "

clourenco 12/3/30 11:06

Deleted: de campo

clourenco 12/3/30 11:06

Deleted: de coração

clourenco 12/3/30 11:06

Deleted: c

clourenco 12/3/30 11:07

Deleted: eu

clourenco 12/3/30 11:07

Deleted: branco

Anexo IX
Texto de contracapa do livro
Na Sombra do Amor

SEIS GUERREIROS VAMPIROS, AMANTES PERIGOSOS
E IRMÃOS DE SANGUE VÊM ATÉ SI NESTA COLEÇÃO
VERDADEIRAMENTE PODEROSA.
NESTE LIVRO É A VEZ DE PHURY

J. R. WARD



NA SOMBRA DO AMOR



TENTADOR, SUBLIME, PROVOCANTE,
ARREBATADOR, DELICIOSO, FOGOSO,
EXCITANTE, BRILHANTE.

*Em Caldaell, Nova Iorque, a guerra entre
vampiros e os seus assassinos torna-se mais
sangrenta e perigosa. A única esperança é
um grupo secreto de irmãos – vampiros
guerreiros, acérrimos defensores da sua
raça. E Phury é o mais fiel à Irmandade da
Adaga Negra.*

Casto e leal, Phury sacrifica-se pela
raça, assumindo a responsabilidade de
dar origem a toda uma nova geração
de vampiros guerreiros que continua-
rá a proteger a raça e a manter vivos os
costumes. No entanto, Phury terá de en-
frentar a voz interior que o atormenta e
combater o vício que o afasta da batalha
cada vez mais sangrenta entre vampi-
ros e os seus inimigos. Mas a sua única
salvação é um amor proibido que pode
condenar toda a raça.

O desejo que Cormia sente por Phury
vai muito para além da obrigação e do
futuro da raça. Dividida entre a respon-
sabilidade e o amor pelo macho que tem
de partilhar com as fêmeas escolhidas,
Cormia esforça-se por se conhecer a si
própria e salvar o seu amado.





J. R. WARD

vive no Sul dos Estados Unidos, com o seu marido incrivelmente generoso e o seu amado *golden retriever*. Depois de se ter formado em Direito, começou a sua vida profissional na área da saúde, em Boston, tendo passado muitos anos como chefe de equipa de um dos centros clínicos do país. A escrita foi sempre a sua paixão, e a sua ideia de Céu é um dia inteiro com mais nada além do seu computador, o seu cão e a caneca de café. Este é o sexto volume da saga «Irmandade da Adaga Negra», a continuação de *Na Sombra da Noite*, *Na Sombra do Dragão*, *Na Sombra do Pecado*, *Na Sombra do Desejo* e *Na Sombra do Sonho*.

Conheça melhor a autora em
www.jrward.com



A IRMANDADE DA ADAGA NEGRA

«Excelentemente escrito.»

Lisa Gardner

«Adoro esta saga!»

Suzanne Brockmann

«Completamente absorvente.»

Angela Knight

leYa casadasletras www.leya.com www.casadasletras.leya.com	leYa casadasletras www.leya.com www.casadasletras.leya.com	ISBN 978-972-46-2058-9 9 17 89 72 4 16 2 0 5 8 9 Ficção Fantástica
---	---	--



área cliente | ajuda | login | lista | cesto 0 itens

wook
procuras?

livros

eBooks

ensino

software

filmes

OK

livros em português

top livros | top jogos | top filmes

Pesquisar Livros



Temas

Arte
Autoajuda
Banda Desenhada
Ciências Exatas e Nat.
Ciências Soc. e Humanas
Desporto e Lazer
Dicionários e Enciclopédias
Direito
Economia, Finanças e Contabilidade
Engenharia
Ensino e Educação
Erotismo e Sexualidade
Gastronomia e Vinhos
Gestão
Guias Turísticos e Mapas
História
Infantojuvenil
Informática
Literatura
Medicina e Saúde
Plano Nac. de Leitura
Política
Religião e Moral
Vida Prática

Coleção

Cartas Militares (Esc. 1:25.000)
Grandes Narrativas
Vampiro
Literatura Estrangeira
Ficção Universal

Preço

até 5 euros
5 a 10 euros
10 a 25 euros
25 a 50 euros
Mais de 50 euros

Editor

Diversos
Europa-América
Edições Asa
Editorial Presença
Edições Almedina
Dom Quixote
Livraria Civilização Editora
Verbo
Editorial Estampa

home > Livros > Livros em Português > Erotismo e Sexualidade > Literatura erótica



10%

24h

Na Sombra do Amor

de J. R. Ward

Seis guerreiros vampiros, amantes perigosos numa coleção poderosa

Edição/reimpressão: 2012

Páginas: 680

Editor: Casa das Letras

ISBN: 9789724620589

Veja este produto em formato eBook

17,70€ | 15,93€

Normalmente segue para o correio em 24 horas ?

COMPRAR

★★★★★ [ver comentários](#) | [comentar](#) | [recomendar](#) |

sobre o livro | comentários dos leitores | recomendar este título | sobre o autor | detalhes do produto

Sinopse

Em Caldwell, Nova Iorque, a guerra entre vampiros e os seus assassinos torna-se mais sangrenta e perigosa. A única esperança é um grupo secreto de irmãos - vampiros guerreiros, acérrimos defensores da sua raça. E Phury é o mais fiel à Irmandade da Adaga Negra.

Casto e leal, Phury sacrifica-se pela raça, assumindo a responsabilidade de dar origem a toda uma nova geração de vampiros guerreiros que continuará a proteger a raça e a manter vivos os costumes. No entanto, Phury terá de enfrentar a voz interior que o atormenta e combater o vício que o afasta da batalha cada vez mais sangrenta entre vampiros e os seus inimigos. Mas a sua única salvação é um amor proibido que pode condenar toda a raça.

O desejo que Cornia sente por Phury vai muito para além da obrigação e do futuro da raça. Dividida entre a responsabilidade e o amor pelo macho que tem de partilhar com as fêmeas escolhidas, Cornia esforça-se por se conhecer a si própria e salvar o seu amado.

Na Sombra do Amor de [J. R. Ward](#)

produtos relacionados

veja outros títulos de...
> J. R. Ward



Na Sombra do Sonho
de J. R. Ward



Desejo
de J. R. Ward

veja outros títulos do tema
> Erotismo e Sexualidade



Os Monólogos da Vagina
de Eve Ensler



Os diários de Alexandra
de Dominique Simon

quem comprou também comprou

O Espião Improvável
de Daniel Silva

Highlander - Para Além das Brumas
de Karen Marie Moning

Silêncio
de Becca Fitzpatrick

A Batalha do Apocalipse
de Eduardo Spohr

Anexo X

Capa do livro *A Guided Tour Through the
Museum of Communism*



A GUIDED TOUR THROUGH THE MUSEUM OF COMMUNISM

— Fables from a Mouse, a Parrot, a Bear, a Cat, a Mole, a Pig, a Dog, & a Raven —

SLAVENKA DRAKULIĆ

AUTHOR OF CAFÉ EUROPA



Anexo XI

Exemplos de catálogos recebidos

From: Marta Ramires
Sent: terça-feira, 27 de Setembro de 2011 10:46
To: Armando Alves
Subject: FW: FRANKFURT RIGHTS GUIDE

Mais catálogos

.....
Marta Ramires

Coordenadora editorial/Editorial director

Casa das Letras

Rua Cidade de Córdoba, nº 2

2610-038 Alfragide

Portugal

Telefone: 00 351 210 417 410

Fax: 00 351 214 717 737

E-mail: marta.ramires@casadasletras.leya.com

<http://www.casadasletras.pt/>

leya depressa ou devagarinho leya cores e sentimentos leya por amor leya a sério ou a
brincar leya com alma www.leya.com

From: Joanna Kaliszewska [<mailto:joanna.kaliszewska@headline.co.uk>]

Sent: segunda-feira, 26 de Setembro de 2011 10:52

To: Marta Ramires

Subject: FW: FRANKFURT RIGHTS GUIDE

I am delighted to be attaching for you my Frankfurt rights guide.

As always, please don't hesitate to get in touch if you see anything of interest there.

All the best.

Yours,
Joanna

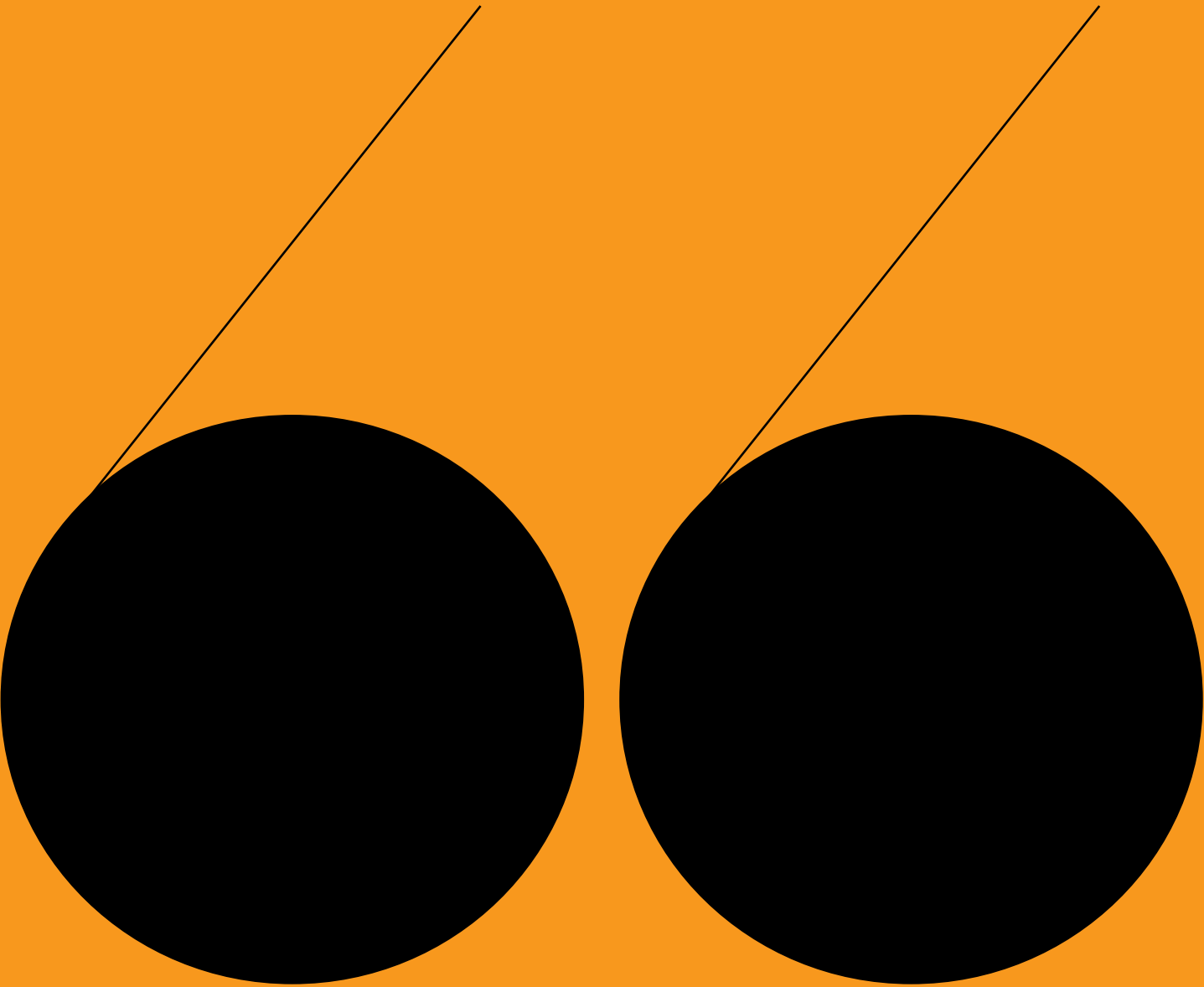
Joanna Kaliszewska

Senior Rights Manager

Headline Publishing Group

338 Euston Road

London



Pedro Corral

Gesualdo Boncompagni is a young Sicilian doctor attached to the Court of Charles III, who is sent by the Marquess of Esquilache to the north of Spain to provide a crucial surgical service: caesarean operations on dead pregnant women in order to save their children from being trapped inside.

On his journey through valleys close to the Vizcaya Estate, he will be accompanied by an old surgeon, León de Bores, who objects to the new spirit of rationalism. Both will be faced with a series of mysterious murders which the locals believe to be the work of a monstrous creature.



© Carlos J. Iglesias



The Doctor from Esquilache
El Aleph Editores / 144 pages / October 2011

Pedro Corral was born in San Sebastián (Guipúzcoa) in 1963. He graduated in journalism in Madrid. His non-fiction books —*Si me quieres escribir* (2004), and *Desertores. La Guerra civil que nadie quiere contar* (2006)— have been recognised by readers and critics alike as the most original

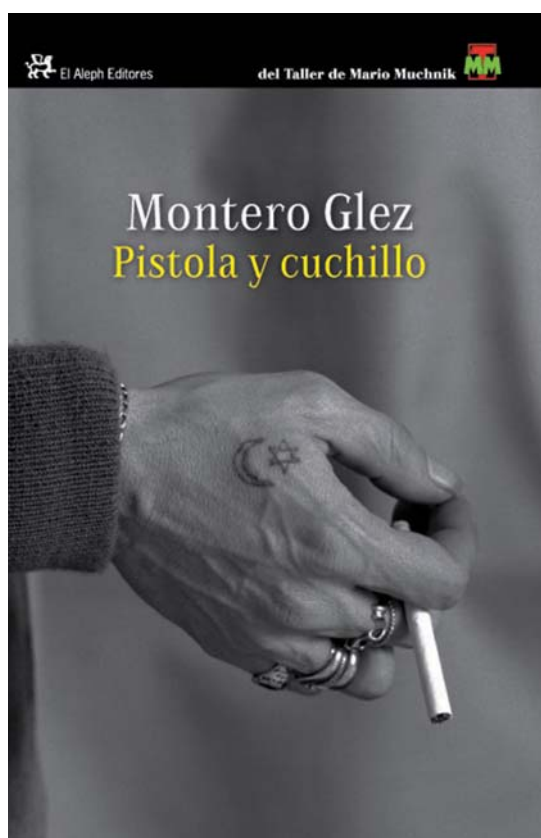
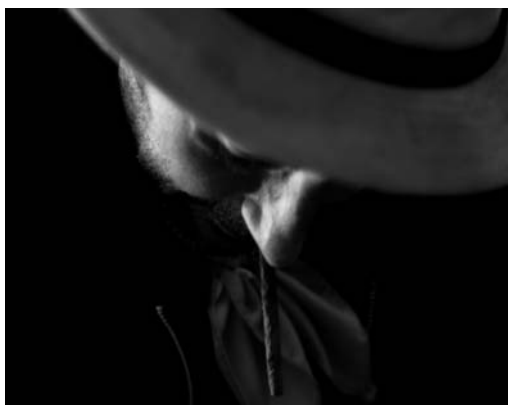
examinations of the civil war in recent years. In *La ciudad de arena* he tackles the last days of the armed conflict in Madrid, showing a particular mosaic of characters battling with their inner demons and the tribulations of the end of the war.

Narrated by Boncompagni, this thriller features an unsettling plot, unique settings and surprising characters.

El medico de Esquilache is a portrait of the human condition and an extremely original recreation of the Renaissance.

Montero Glez

In *Pistola y cuchillo*, Montero Glez re-imagines the life of the Flamenco singer José Monge as he nears death. We accompany the great musician into the Venta de Vargas, a small shrine to Flamenco music that has become a sacred place for Camarón too as, sick and resigned to his death, he contemplates making one of the most difficult decisions of his life. *Pistola y cuchillo* is a paean to remembrance in which Montero Glez's forceful prose revives the aromas of the old Spanish inns and sound of Flamenco singing at its most genuine and heartfelt. The addition of quick-fire dialogue and flowing phrases make this magnificent novel a master work.

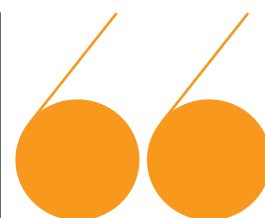


Pistol and Knife

El Aleph Editores / 128 pages / November 2010

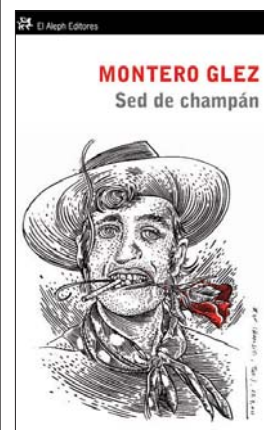
Montero Glez (Madrid 1965) is the author of the novels: *Sed de Champán* (1999), *Cuando la noche obliga* (2003) and *Manteca Colorá* (2005). He writes for several different publications under different pseudonyms and novel *Pólvora Negra* won the 2008 Azorín prize for the

novel and was a finalist in the 2010 Casino de Santiago Prize. Translated into French, Dutch, Turkish, Italian and Russian, his style has moved readers the world over.



Rights sold to:
Tango Bar Éditions
(France).

An absorbing
and exciting
fictionalized
biography destined
to become the
definitive book
on the Flamenco
singer Camarón
de la Isla.



Anexo XII

Recibo de pagamento a um tradutor

From: Dina Antunes [mailto:antunes.dina@gmail.com]
Sent: quarta-feira, 16 de Novembro de 2011 11:33
To: Armando Alves
Subject: Tradução «Percy Jackson e A Batalha do Labirinto»

Olá, bom dia,

aqui lhe envio a tradução do livro 4 da série Percy Jackson segundo as regras do novo acordo ortográfico.

Em relação a números tenho: 501,106 caracteres, o que perfaz 2,227 euros.

Confirme, por favor, se as suas contas coincidem com as minhas e diga-me quando posso enviar o recibo electrónico.

Com os melhores cumprimentos,
Dina Antunes

RECIBO N.º 15 DATA DE EMISSÃO 27/10/2011

DADOS DO PRESTADOR DE SERVIÇOS

NOME [REDACTED] NIF 179947770
ACTIVIDADE EXERCIDA TRADUTORES
DOMICÍLIO FISCAL / ESTABELECIMENTO ESTÁVEL [REDACTED]

DADOS DO ADQUIRENTE DO SERVIÇO

NOME OFICINA DO LIVRO - SOCIEDADE EDITORIAL LDA NIF [REDACTED]
NIF ESTRANGEIRO/OUTRO DOC.IDENT. [REDACTED] PAÍS [REDACTED]
SUBSISTEMA DE SAÚDE [REDACTED] N.º DE BENEFICIÁRIO [REDACTED]

DADOS DO SERVIÇO PRESTADO

DATA DA PRESTAÇÃO DO SERVIÇO 27/10/2011

DESCRIÇÃO Tradução "I curse the river of time"

VALOR BASE [REDACTED] €
IVA : Continente - 23% (taxa normal - serviços prestados 2011) ; [REDACTED] €
IMPOSTO DO SELO [REDACTED] €
IRS : A taxa de 21.5%- artº 101.º, n.º1, do CIRS ; [REDACTED] €
IMPORTÂNCIA RECEBIDA [REDACTED] €

Importância recebida a título de

Honorários ☒ Adiantamento por conta de honorários ☐ Adiantamento para pagamento de despesas por conta e em nome do cliente ☐

Assinatura do prestador:

Documento emitido eletronicamente.
Disponível para consulta pelo adquirente no Portal das Finanças (<https://www.portaldasfinancas.gov.pt>).

RECIBO N.º 15 DATA DE EMISSÃO 27/10/2011

DADOS DO PRESTADOR DE SERVIÇOS

NOME [REDACTED] NIF 179947770
ACTIVIDADE EXERCIDA TRADUTORES
DOMICÍLIO FISCAL / ESTABELECIMENTO ESTÁVEL [REDACTED]

DADOS DO ADQUIRENTE DO SERVIÇO

NOME OFICINA DO LIVRO - SOCIEDADE EDITORIAL LDA NIF [REDACTED]
NIF ESTRANGEIRO/OUTRO DOC.IDENT. [REDACTED] PAÍS [REDACTED]
SUBSISTEMA DE SAÚDE [REDACTED] N.º DE BENEFICIÁRIO [REDACTED]

DADOS DO SERVIÇO PRESTADO

DATA DA PRESTAÇÃO DO SERVIÇO 27/10/2011

DESCRIÇÃO Tradução "I curse the river of time"

VALOR BASE [REDACTED] €
IVA : Continente - 23% (taxa normal - serviços prestados 2011) ; [REDACTED] €
IMPOSTO DO SELO [REDACTED] €
IRS : A taxa de 21.5%- artº 101.º, n.º1, do CIRS ; [REDACTED] €
IMPORTÂNCIA RECEBIDA [REDACTED] €

Importância recebida a título de

Honorários ☒ Adiantamento por conta de honorários ☐ Adiantamento para pagamento de despesas por conta e em nome do cliente ☐

Assinatura do prestador:

Documento emitido eletronicamente.
Disponível para consulta pelo adquirente no Portal das Finanças (<https://www.portaldasfinancas.gov.pt>).